
**A RENOVAÇÃO GEOGRÁFICA NO BRASIL
— 1976/1983 (AS GEOGRAFIAS CRÍTICA
E RADICAL EM UMA PERSPECTIVA
TEÓRICA)**

Armando Corrêa da Silva*

ANTECEDENTES

Muitas pessoas participam de um movimento de renovação. Este trabalho reúne a produção teórica geográfica renovada constante de publicações as mais representativas. As omissões ficam, portanto, ressalvadas.

*

Os antecedentes da renovação teórica geográfica no Brasil devem ser buscados entre aqueles geógrafos então descontentes com a situação oficial de sua disciplina.

Embora pareça contraditório, o movimento de renovação teve também raízes numa instituição velha: o Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ele juntou os esforços dos professores do Departamento, de sua área de Geografia Humana, aos da Associação dos Geógrafos Brasileiros, então seção regional de São Paulo, através do Boletim Paulista de Geografia.

Os professores reuniram-se em Reuniões Culturais e o BPG publicou o resultado.

* Professor Livre-Docente do Departamento de Geografia — FFLCH — USP.

1. Primeiros Trabalhos: o BPG de 1976

Em seu Editorial "Por que mudar?" o BPG afirma o seguinte:

"Uma política editorial foi definida levando em consideração as necessidades e problemas que a Geografia e demais ciências humanas enfrentam no presente momento, bem como as contribuições que os geógrafos podem e devem dar ao conhecimento da realidade, qual-quer que seja o nível ou o setor em que atuam". (BPG-1976 pg. 5)

Dentro dessa política editorial a AGB-SP resolveu publicar o resultado das Reuniões Culturais já referidas. Essas Reuniões Culturais foram propostas para que se retomasse o debate intelectual, então reprimido pela ditadura que comandava o país. No entanto, o debate intelectual foi proposto como reunião cultural, pois foi essa a forma possível de levar avante o debate de idéias. Doze geógrafos da área de Geografia Humana tomaram parte nos debates, de que resultou o texto coletivo intitulado "Considerações a Propósito de um Artigo de BERNARD KAYSER".

No parágrafo primeiro diz-se: "Durante o segundo semestre do ano de 1973, os membros da área de Geografia Humana e Econômica do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo debateram, em reuniões culturais, o texto de BERNARD KAYSER intitulado *Le Nouveau Système des Relations Villes-Campagnes — Problèmes et Hypothèses à Propos de l'Amérique Latine*.¹ (ÁREA de GEOGRAFIA HUMANA e ECONÔMICA, 1976:31)

O texto da área de Geografia Humana e Econômica discute CAPITALISMO CONCORRENCIAL E CAPITALISMO MONOPOLISTA, PENETRAÇÃO DO CAPITALISMO NO CAMPO, MERCADO INTERNO E URBANIZAÇÃO, EXÉRCITO DE RESERVA, TRANSFERÊNCIA DE CAPITAL, DESAPARECIMENTO DO ARTESANATO, DESENVOLVIMENTO AUTO-SUSTENTADO DAS CIDADES, AUTODETERMINAÇÃO DEMOGRÁFICA DAS CIDADES E CONCEITOS DE "A-ESPACIAL".

O ponto central da discussão foi a premissa de KAYSER segundo a qual a economia do modo de produção capitalista do mun-

1 — KAYSER, B. (1972) "Le nouveau système des relations villes-campagnes — Problèmes et hypothèses à propos de l'Amérique Latine", Toulouse — França.

do atual é liberal. O grupo concluiu: "Considerando o papel ascendente do Estado e dos organismos econômicos multinacionais, o 'espaço econômico' no mundo atual se define cada vez mais como único, apesar dos diferentes espaços políticos e culturais. Este espaço econômico é resultado de formas de atuação estatais e empresariais altamente diretivas e que se opõem frontalmente à noção de liberalismo". (ÁREA de GEOGRAFIA HUMANA, 1976:32)

Embora publicado três anos depois da realização das Reuniões Culturais, o texto abria o debate.

2. O Boletim 54 de junho de 1977

O Boletim 54 da AGB-SP representaria um momento maior dessa publicação. Ele foi precedido pelo BPG n° 52, em que há o texto GEOGRAFIA E IDEOLOGIA, de ARMANDO CORRÊA DA SILVA, a propósito do livro NELSON WERNECK SODRÉ "INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA. GEOGRAFIA E IDEOLOGIA"; e pelo BPG n° 53, que publicou o texto "DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E URBANIZAÇÃO EM PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS: OS DOIS SISTEMAS DE FLUXO DA ECONOMIA URBANA E SUAS IMPLICAÇÕES ESPACIAIS", de MILTON SANTOS, em que este apresentou sua teoria dos dois circuitos da economia urbana — e o texto "GEOGRAFIA E TECNOBUROCRACIA", de MELHEM ADAS, em que se discute a relação entre a Geografia Quantitativa e o surgimento da Tecnoburocracia, quando diz: "O poder de decisão da vida social, econômica e política foi absorvido em parte pela nova estrutura de poder — a tecnoburocracia —, superando muitas vezes o capital". (ADAS, 1977:66)

O BPG 54 contém quatro trabalhos importantes: "O PENSAMENTO GEOGRÁFICO E A REALIDADE BRASILEIRA", de MANUEL CORRÊA DE ANDRADE; "OS POSTULADOS DA ANÁLISE FUNCIONALISTA NA GEOGRAFIA E SEUS ASPECTOS IDEOLÓGICOS", de SILVIO CARLOS BRAY; "O 'ECONÔMICO' NA OBRA 'GEOGRAFIA ECONÔMICA' DE PIERRE GEORGE: ELEMENTOS PARA UMA DISCUSSÃO", de ARIODALDO UMBELINO DE OLIVEIRA; e "SOCIEDADE E ESPAÇO: A FORMAÇÃO SOCIAL COMO TEORIA E COMO MÉTODO", de MILTON SANTOS.

Apesar da importância dos quatro ensaios, o texto de MILTON SANTOS merece destaque por conter uma proposta de trabalho. Nesse

texto é discutida a categoria Formação Econômica e Social, para informar uma teoria do espaço. Depois de relacionar espaço e sociedade, MILTON SANTOS conclui: "Como pudemos esquecer por tanto tempo esta inseparabilidade das realidades e das noções de sociedade e espaço inerentes à categoria da formação social? Só o atraso teórico conhecido por essas duas noções pode explicar que não se tenha procurado reuni-las num conceito único. Não se pode falar de uma lei separadora da evolução das formações espaciais. De fato, é de formações sócio-espaciais que se trata". (SANTOS, 1977 b:13)

1978 — UM ANO HISTÓRICO

Os antecedentes registrados pelo Boletim Paulista de Geografia, não obstante, situavam-se ainda no caminho de uma modernização conservadora. É que, ignorando a crise da Geografia, os geógrafos deixavam-se levar pela crise, apesar dos protestos de alguns.

Como não ocorria a ruptura política, a ruptura teórica descansava no leito da indiferença oficial. No entanto, ambas ocorreram no mesmo ano de 1978, como mudança de poder na Associação dos Geógrafos Brasileiros e como irrupção do debate intelectual para além dos muros das Academias e Institutos, através do livro de MILTON SANTOS, "POR UMA GEOGRAFIA NOVA".

Esses acontecimentos não estiveram desvinculados da situação política e militar do país e corresponderam, no âmbito da produção científica, a um momento de abertura, que se acentuaria a partir desse ano, na Geografia.

Não obstante, o problema político teve prioridades, permeado pelo problema intelectual, em meio à maré vazante da produção ainda comprometida com o passado.

1. O Encontro da AGB em Fortaleza — CE

Os Anais do 3º Encontro Nacional de Geógrafos refletem isso. A contribuição teórica ainda é pequena. Em meio ao grande número de trabalhos ainda comprometidos com uma epistemologia pré-crise, apareceram, no entanto, quatro textos denunciadores publicamente do advento de uma nova realidade para a Geografia: "O CONCEITO DE ESPAÇO DE DAVID HARVEY — IMPLICAÇÕES ONTO-

METODOLÓGICAS”, de ARMANDO CORRÊA DA SILVA, “A GEOGRAFIA ESTÁ EM CRISE. VIVA A GEOGRAFIA!”, de CARLOS WALTER PORTO GONÇALVES (depois publicado no Boletim Paulista de Geografia de novembro de 1978), “OS PROCESSOS ESPACIAIS E A CIDADE”, de ROBERTO LOBATO CORRÊA, e “NOTAS SOBRE A GEOGRAFIA URBANA BRASILEIRA”, de ARMÊN MAMIGONIAN. Na verdade o encontro teve seu significado maior fora do âmbito das Comunicações: a mudança de direção da Associação dos Geógrafos Brasileiros, substituição essa que implicou o desaparecimento do caráter oficial (ligado ao IBGE) da entidade e o advento de uma direção jovem e então ainda descomprometida com o poder.

2. “Por uma Geografia Nova”, de MILTON SANTOS

Como se disse, a abertura ideológica deu-se através do livro de MILTON SANTOS, “POR UMA GEOGRAFIA NOVA”, subintitulado “DA CRÍTICA DA GEOGRAFIA A UMA GEOGRAFIA CRÍTICA”. Esse livro é uma proposta de Geografia que o autor pretende desdobrar em mais quatro volumes. Depois de fazer a crítica da Geografia, desde seus fundadores até a renovação do após-guerra, MILTON SANTOS põe em evidência a crise do conhecimento geográfico, apontando para o que julga a solução do problema: a Geografia é viúva do espaço. A seguir desenvolve, numa segunda parte, o tópico *Geografia, Sociedade, Espaço*, para a seguir propor uma Geografia Crítica, que trata do que denomina *O Espaço Total de Nossos Dias*, onde a unidade da análise é o Espaço-Nação, em sua totalidade. Termina seu texto propondo uma Geografia que trate do verdadeiro espaço humano, um espaço que seja instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria que dá origem ao homem artificializado.

Nesse mesmo ano a AGB-SP publicou em sua Seleção de Textos nº 4 outro trabalho de MILTON SANTOS, “ESPAÇO E DOMINAÇÃO”, cujo título em francês havia sido “ESPACE ET DOMINATION: UNE APPROCHE MARXISTE”.

3. Outras Publicações

O Boletim Paulista de Geografia nº 55 publicou ainda em 1978 o texto “A LÓGICA DA ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA”, de ARIOVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA.

Em 1978 foi também publicado o livro "O ESPAÇO FORA DO LUGAR", de ARMANDO CORRÊA DA SILVA, trabalho ainda com influência do período anterior.

Estava aberto o caminho para o desenvolvimento de duas tendências de pensamento na Geografia brasileira: o daqueles que consideravam importante a participação política como assalariado do conhecimento e o daqueles que desenvolvem sua praxis através da teoria.

1979: PRODUÇÃO TEÓRICA, TEORIZAÇÃO E DEBATE IDEOLÓGICO

Após o ano de 1978, abriram-se aos geógrafos perspectivas de produção crítica e de elaboração da teoria, que até então não haviam encontrado condições de expressão.

Antes desse ano os geógrafos descontentes com o *status* oficial de sua disciplina haviam apenas esboçado um movimento de elaboração teórica.

Mas, é a partir de 1979 que começam a surgir as primeiras promessas dessa elaboração. Marcam essas produções o aparecimento de um trabalho publicado em uma revista não geográfica, uma tese de mestrado e um pequeno periódico publicado por estudantes. Todos esses trabalhos discutem o espaço como objeto da Geografia, em novas perspectivas.

1. Teoria do Valor

"VALOR, ESPAÇO E A QUESTÃO DO MÉTODO", de WANDERLEY MESSIAS DA COSTA e ANTONIO CARLOS ROBERT MORAES, surge como um esforço de produção teórica. Eles se propõem uma tarefa específica. Dizem eles no início desse ensaio: "Não pretendemos neste trabalho reforçar o antigo embate positivista, cujo afã inútil é o de demonstrar os campos específicos do conhecimento em classificações puramente lógico-epistemológicas. Entretanto, não podemos olvidar a análise de objetivos particulares do real, em nome de uma totalidade genérica. Isto implica que estas particularidades não sejam delimitadas por uma formalização acadêmica, e, sim, que emerjam como existências individualizadas do próprio real. O caminho ontológico faz-se necessário". (COSTA e MORAES, 1979:59)

Os autores discutem a valorização do espaço, procurando tomar como referência a categoria valor e como base da explicação a categoria trabalho, rejeitando por isso outras formulações. Essa tarefa é empreendida através de uma retomada da Economia Política clássica, por meio do exame de várias teorias aí existentes. Propondo-se o método histórico e a lógica dialética, tomam os raciocínios de MARX sobre a questão do valor-trabalho. O resultado final desse esforço é um texto de 28 linhas que é aqui reproduzido. Dizem os autores: "A necessidade de distinção entre *valor no espaço* e *valor do espaço* merece uma atenção especial. No primeiro caso, nos referimos ao valor criado pelo trabalho, em que o espaço é o receptáculo da produção material. Esta relaciona-se com os lugares, apropriando-se basicamente de sua extensão e seus limites. O espaço aparecerá no custo final dos produtos apenas como preço areolar das terras. A variação do trabalho acumulado sobre as áreas definem o valor real. A produção instala-se no espaço valorizando neste a localização e a distância. Trata-se de um valor criado. Porque o trabalho também transfere valor aos objetos que molda, e pelo fato de se dirigir sempre sobre formas preexistentes (frutos ou não do trabalho) podendo distinguir um valor do espaço. Este é transferido no processo de trabalho para o produto, através das características próprias de cada lugar (singularidades). Neste caso, o espaço é diferentemente valorizado em si mesmo. Não se trata tão-somente de suas potencialidades naturais no processo produtivo, mas principalmente, nos dias de hoje, do valor que lhe é atribuído. Aqui ele se expressa basicamente enquanto recursos de exploração (a totalidade do meio físico e a situação). É este (o valor do espaço) que se manifesta nas formas da renda diferencial e na forma já discutida da renda de monopólio. A renda absoluta seria uma expressão do valor do espaço, o próprio capital-terra. O preço da terra relativiza-se no processo histórico de construção *sobre* e *do* espaço. Assiste-se a uma desnaturalização constante do valor. Pode-se afirmar que o valor do espaço, dado o caráter durável de suas características, impõe formas específicas de trabalho, estando na origem do processo social da divisão espacial da produção. De certo modo, podemos dizer que ele é uma mediação fundamental na determinação do uso da terra (*latu sensu*). Mas é o valor criado (no espaço) que cada vez mais determina o seu preço". (COSTA e MORAES, 1979:73)

2. Reflexões sobre o Espaço

"REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO", de ANA FANI ALESSANDRI CARLOS, é uma tese de mestrado. Diferente-

mente do trabalho anterior, esta tese de mestrado mostra-se não como produção teórica, mas como um esforço de teorização. Enquanto no primeiro caso o ponto de partida é a abstração, o ponto de partida aqui é o real sensível. Trata-se, então, de uma tentativa de construir a teoria inferindo-a da realidade.

Diz a autora no prefácio: "O trabalho ora apresentado pode ser definido em poucas palavras como sendo uma proposta alternativa de entendimento do espaço geográfico e de análise do seu processo de organização pela sociedade. Nele o espaço é pensado como categoria de análise geográfica, discutindo-se seu conteúdo e sua importância no conhecimento da realidade". (CARLOS, 1979:1)

Depois de desenvolver um capítulo sobre O TRABALHO, a autora discute ESPAÇO E SOCIEDADE: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA. Neste segundo capítulo apresenta sua concepção de espaço geográfico. Diz ela: "Em síntese, o espaço geográfico é o produto, num dado momento, do estado da sociedade, portanto um produto histórico, resultado da atividade de uma série de gerações que através de seu trabalho acumulado tem agido sobre ele, modificando-o, transformando-o, humanizando-o, tornando-o um produto cada vez mais distanciado do meio natural. Suas relações com a sociedade se apresentam de forma diversa, sob diferentes graus de desenvolvimento". (CARLOS, 1979:36)

Em A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, capítulo III, a autora chega a uma definição de paisagem que dá idéia de quais resultados são obtidos com o método que utiliza. Diz ela: "A paisagem, urbana ou rural, é a forma espacial da divisão do trabalho. O espaço, sendo um produto das relações que se estabelecem entre ele e a sociedade, tem portanto, na paisagem, o aspecto formal advindo do produto da sociedade num determinado momento da organização. A paisagem atual aparece como mediação entre a paisagem passada e futura, revelando as características históricas de sua formação". (CARLOS, 1979:41)

Depois de discutir o ESPAÇO CAPITALISTA, capítulo IV, a autora desenvolve a última parte de seu texto, o capítulo V, O ESPAÇO ALIENADO. Para ela, "a alienação proveniente do processo de produção capitalista tem como consequência de um lado a redução do trabalho do homem a um simples meio de satisfação de suas necessidades biológicas. Por outro lado a organização espacial, sob as condições do modo de produção capitalista, coloca a sociedade frente a uma organização espacial com a qual não se identifica". (CARLOS, 1979:102)

3. Arranjo Espacial e Ontologia do Espaço

TERRITÓRIO LIVRE é um periódico, publicado por estudantes de Geografia. O nº 1 surgiu no ano de 1979. Contém quatro artigos, sendo que três deles desenvolvem o debate ideológico.

“A GEOGRAFIA SERVE PARA DESVENDAR MÁSCARAS SOCIAIS (ou PARA REPENSAR A GEOGRAFIA)”, de RUY MOREIRA, é um texto destinado a propor a Geografia em novas bases, através de sua desmistificação. Diz o autor: “. . . a Geografia, através da análise didática do arranjo do espaço, serve para desvendar máscaras sociais, vale dizer, para desvendar as relações de classes que produzem esse arranjo. É nossa opinião que por detrás de todo arranjo espacial estão relações sociais, que nas condições históricas do presente são relações de classes”. (MOREIRA, 1974:4)

Depois de argumentar com essa afirmação, discute OBJETO E OBJETIVO DA GEOGRAFIA. Diz então: “O espaço é o objeto da Geografia; o conhecimento da natureza e leis dos movimentos da Formação Econômico-Social é o seu objetivo. O espaço geográfico é o espaço interdisciplinar da Geografia. É a parte por intermédio da qual busca apreender os movimentos do todo: a Formação-Econômico Social”. (MOREIRA, 1979:6)

Depois de afirmar que A GEOGRAFIA É UMA CIÊNCIA SOCIAL, discute O ESPAÇO COMO ESPAÇO SOCIAL, para em seguida argumentar sobre ESPAÇO SOCIAL E ESPAÇO-TEMPO.

Seguem-se ESPAÇO E REPRODUÇÃO, ESPAÇO E ACUMULAÇÃO, ESPAÇO E INSTÂNCIAS, ESPAÇO E INSTÂNCIA ECONÔMICA, ESPAÇO E INSTÂNCIAS SUPERESTRUTURAIS, o “ARRANJO ESPACIAL JURÍDICO-POLÍTICO”, o “ARRANJO ESPACIAL IDEOLÓGICO”, a FORMAÇÃO ECONÔMICO-SOCIAL COMO SÍNTESE (TOTALIDADE). Conclui com PARA REPENSAR A GEOGRAFIA.

O autor trabalha com a noção de arranjo espacial. Diz ele: “Entendemos por arranjo espacial uma estrutura de objetos espaciais, uma forma ou uma totalidade estruturada de formas espaciais. O papel da análise espacial estaria em apreender as leis que regem a Formação Espacial, seu todo e suas ‘partes’, a partir do arranjo espacial, e vice-versa”. (MOREIRA, 1979:19)

Mais adiante diz: “O que propomos é a construção de uma teoria do espaço que se fundamente em três categorias de totalidades, que são três facetas de uma mesma realidade: a Formação Espacial, a Formação Econômico-Social e o Modo de Produção. O conceito de Formação Espacial passa pelos conceitos de Formação Econômico-Social e de Modo de Produção, e mais ainda, pela forma como se articulam estes dois”. (MOREIRA, 1979:19)

Conclui o autor afirmando: “O estudo mais e mais preciso do conceito e articulação de Formação Econômico-Social e de Modo de Produção, a par do estudo minucioso da Economia Política, das Instituições e da Ideologia, sem a qual não se pode mergulhar fundo na compreensão de uma Formação Econômico-Social, e a convergência de tudo isto no estudo do conceito, forma e processo da Formação Espacial, eis o que nos parece que é necessário para um bom trabalho de construção teórica do espaço”. (MOREIRA, 1979:21)

“É POSSÍVEL UMA ‘GEOGRAFIA LIBERTADORA’ OU SERÁ NECESSÁRIO PARTIRMOS PARA UMA PRAXIS TRANSFORMADORA? REFLEXÕES INICIAIS (I)”, de ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA, é o segundo artigo do periódico TERRITÓRIO LIVRE.

Diz o autor: “Tratar esta questão proposta leva-nos a ter que indagar sobre três pontos básicos que compõem este trabalho: a prática, se é possível uma ‘Geografia Libertadora’ e a praxis transformadora”. (OLIVEIRA, 1979:25)

No item I-A PRÁTICA diz: “É, pois, prioritário entendermos que a compreensão e a crítica ideológica supõe e pressupõe uma posição de classe na teoria. E é através do materialismo histórico e do materialismo dialético que podemos compreender, dessa forma, a prática social, pois ela defende o princípio de que a teoria depende da prática, de que a teoria fundamenta-se sobre a prática e, por sua vez, serve à prática”. (OLIVEIRA, 1979:26)

No item II — É POSSÍVEL UMA “GEOGRAFIA LIBERTADORA”? o autor argumenta que é preciso ir além das Geografias Radical, Alternativa, Crítica e Moral ou Libertadora em direção a “abrir caminho a uma praxis transformadora”. (OLIVEIRA, 1979:29)

No item III — DA PRAXIS TRANSFORMADORA, é proposta a superação do modo capitalista de pensar. Diz o autor: “Esse com-

promisso com a transformação da sociedade reserva-nos, certamente, um papel importante junto aos trabalhadores no esclarecimento das muitas formas (espaciais) que a burguesia utiliza para aumentar a sua exploração. É preciso mostrar aos trabalhadores que a conquista do espaço (de EINSTEIN) na luta de classe é fundamental, pois significa a conquista efetiva da matéria, seu domínio e seus rumos (movimento)". (OLIVEIRA, 1979:29)

"EM BUSCA DA ONTOLOGIA DO ESPAÇO", de ANTONIO CARLOS ROBERT MORAES, é uma reflexão teórica que aponta para a análise política.

Depois de explicar sua problemática e seu método, o materialismo histórico, o autor, tomando como base as propostas do Lukács da maturidade, argumenta sobre a ontologia do espaço: "Desde logo, devemos admitir 'o espaço enquanto natureza em si', como existência objetiva anterior ao homem, manifestação de formas de materialidade inorgânica e orgânica. Engendrado numa história natural, onde as transformações ocorrem sem a impulsão finalística. Este espaço é uma realidade fáctica, o reino absoluto da causalidade. Em termos lógicos e históricos, admitimos que é nesta realidade que se forma o ser social, forma mais elevada da materialidade. Este transforma teleologicamente (em finalidade) o mundo externo através do seu trabalho. Apropriada e transforma este espaço natural, imprimindo-lhe sua marca; faz dos objetos naturais formas úteis à vida humana. O apropriar-se do espaço concreto implica a elaboração de categorias lógicas sobre o espaço. Num momento de parco desenvolvimento das forças produtivas da humanidade, esta reflexão se faz por uma via empírica, utilitária. A elevação deste pensamento, com a construção de categorias mais específicas e a apreensão de conexões mais mediatizadas, remete ao desenvolvimento da apropriação real, do grau de transformação do meio; ao afastamento do limite natural. Noções como distância, extensão, fronteira, assim como a consciência do espaço grupal e a demarcação do domínio territorial, são engendradas no trabalho social, são ilações da prática". (MORAES, 1979:36)

Essa configuração do problema, diz o autor, permite superar a dicotomia racionalismo-empirismo e encaminhar a análise para a questão da unidade do objeto, que é vista como valor no espaço (um valor criado) e valor do espaço (valor contido, ou seja, a potencialidade natural).

Essa proposição remete ao estudo das formações territoriais concretas, que abre para a análise política.

4. Espaço e Sociedade

“ESPAÇO E SOCIEDADE” é um livro de ensaios de MILTON SANTOS que contém os trabalhos SOCIEDADE E ESPAÇO: A FORMAÇÃO SOCIAL COMO TEORIA E COMO MÉTODO, O ESTADO-NAÇÃO COMO ESPAÇO, TOTALIDADE E MÉTODO, A DIVISÃO DO TRABALHO SOCIAL COMO UMA NOVA PISTA PARA O ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E DA URBANIZAÇÃO NOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS, TERCIARIZAÇÃO, URBANIZAÇÃO, PLANIFICAÇÃO: NOTAS DE METODOLOGIA, COMÉRCIO INTERNACIONAL E LOCALIZAÇÃO, AS CIDADES LOCAIS NO TERCEIRO MUNDO: O CASO DA AMÉRICA LATINA, PARA UMA TIPOLOGIA DA MARGINALIDADE, PARA UM PERÍODO NOVO, BRASIL: PAÍS SUBDESENVOLVIDO INDUSTRIALIZADO e DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E URBANIZAÇÃO EM PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS: OS DOIS SISTEMAS DE FLUXO DA ECONOMIA URBANA E SUAS IMPLICAÇÕES ESPACIAIS.

O primeiro destes ensaios já foi mencionado. O segundo ensaio defende a idéia de que “um Estado-Nação é uma Formação Sócio-Econômica. Um Estado-Nação é uma totalidade. Assim, a unidade geográfica ou espacial de estudo é o Estado-Nação. A ‘região’ não é mais do que uma subunidade, um subsistema do sistema nacional. A ‘região’ não tem existência autônoma, ela não é mais do que uma abstração se a tomarmos separadamente do espaço nacional considerado como um todo”. (SANTOS, 1979:28) O terceiro ensaio critica a ausência de trabalhos empíricos e teóricos sobre a urbanização e as análises de microproblemas. Para o autor, “a planificação regional e urbana tornou-se um exercício extremamente útil não apenas à penetração mais fácil do imperialismo e do capital no Terceiro Mundo mas também um veículo privilegiado das teorias subjacentes”. (SANTOS, 1979:37) Só a consideração da divisão internacional e interna do trabalho permite o estudo adequado de um país como uma formação social e, com esta, da urbanização. O quarto ensaio “se destina a servir como subsídio ao estudo do Terciário no contexto da urbanização, especialmente no mundo sub desenvolvido”. (SANTOS, 1979:55) O quinto ensaio examina o comércio internacional como fator de localização. O sexto ensaio examina o caso das cidades locais na América Latina. O sétimo ensaio considera o problema da marginalidade. O oitavo ensaio trata do que o autor denomina de período tecnológico. O problema é o de que “reina agora tensão dialética entre o papel dos progressos tecnológicos e a função do Estado,

em situação de exploração demográfica e de concentração urbana". (SANTOS, 1979:103) O nono ensaio propõe a tese de que o Brasil é um país subdesenvolvido industrializado. No décimo ensaio MILTON SANTOS considera "os dois sistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais". (SANTOS, 1979:128)

1980: A CONSCIÊNCIA DA CRISE

A produção de 1980 em Geografia renovada no Brasil apresenta-se como um momento de tomada de consciência da crise dessa disciplina. Ela se refere a textos de teoria, como uma continuação dos debates do ano anterior. Textos de análise de realidade e textos de inventário das novas tendências.

1. Teoria e Método da Geografia

Uma referência especial deve ser feita ao Borrador n° 1, que, embora publicado em 1982, refere-se a trabalhos de 1980, resultados de duas mesas-redondas realizadas pela Associação dos Geógrafos Brasileiros — seção de São Paulo. A publicação tem o título "Teoria e Método da Geografia".

O primeiro trabalho é de SANDRA LENCIONI e ANA FANI A. CARLOS e intitula-se "ALGUNS ELEMENTOS PARA A DISCUSSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO MERCADORIA".

Segundo as autoras, "o processo de produção de uma mercadoria qualquer é diferente da produção da mercadoria-espaco. No processo de produção da mercadoria-espaco o limite da destruição de formas antigas é dado tanto pelo limite das forças produtivas quanto pela instância física — o que coloca sua produção no âmbito de sujeição tanto de leis sociais quanto naturais". (CARLOS e LENCIONI, 1982: 4)

Continuam, dizendo: "Na produção do espaço geográfico não se dá necessariamente a destruição formal do que existe nem uma total transformação. O velho e o novo podem coexistir e o trabalho passado cristalizado na paisagem assume nova função apesar de conservar antigas formas. O espaço se produz também redefinindo funções antigas, sem necessariamente mudar suas formas, mas decididamente alterando-lhes o conteúdo". (CARLOS e LENCIONI, 1982:4/5)

O espaço geográfico, como mercadoria, contém a unidade entre valor de uso e valor de troca. (CARLOS e LENCIONI, 1982:5) "O espaço, como mercadoria é produto, resultado de uma determinada atividade produtiva útil e complexa. É a combinação de dois elementos, o trabalho e a natureza num primeiro momento histórico, e entre o trabalho e o espaço já produzido num segundo. (CARLOS e LENCIONI, 1982:7) Além disso, "percebe-se que o processo de produção do espaço é imediatamente um processo de consumo, pois ao mesmo tempo que o espaço é produzido ele também é consumido. A produção se dá e se realiza por realização concomitante do consumo, uma vez que o processo de produção é mediado pelo processo de consumo". (CARLOS e LENCIONI, 1982:8)

As autoras concluem com observações sobre a apropriação do espaço, que, no capitalismo, se defronta com a renda da terra. (CARLOS e LENCIONI, 1982:9)

O segundo trabalho é também de autoria de ANA FANI ALESSANDRI CARLOS e SANDRA LENCIONI e intitula-se "A CATEGORIA 'FORMAÇÃO ECONÔMICA DA SOCIEDADE' NA ANÁLISE GEOGRÁFICA".

Trata-se de um texto que discute o conceito de Formação Econômica da Sociedade (FES) e o relaciona à Geografia através da categoria espaço. O ponto de vista adotado rejeita as posições de ALTHUSSER, POULANTZAS, HARNEYER, SANTOS, KLEIN e LIPIETZ. As autoras aceitam as formulações de LENIN, SERENI e LEFEBVRE. Assim, a FES não é nacional, mas supra-nacional. Dizem as autoras: "Portanto a noção de 'FES' contém e ultrapassa a noção de modo de produção, para abranger o conjunto da sociedade, englobando inclusive outros modos de produção subordinados ao modo de produção determinante da sociedade em questão, que ao desenvolver-se redefine os existentes em função de suas prioridades". (CARLOS e LENCIONI, 1982:14)

O texto seguinte intitula-se "TEORIA E MÉTODO DA PESQUISA EM GEOGRAFIA" e é de ARMANDO CORRÊA DA SILVA.

O autor desenvolve dezesseis teses sobre o tema e que são as seguintes: 1. A GEOGRAFIA É O MODO DE CONHECIMENTO DO MUNDO EM QUE VIVEMOS E SOBRE O QUAL ELABORAMOS TEORIAS; 2. ESSAS TEORIAS SÃO, OU CONHECIMENTO CIENTÍFICO DO REAL, OU IDEOLOGIAS; 3. O CO-

NHECIMENTO CIENTÍFICO DO REAL IMPLICA NA REALIZAÇÃO PRÉVIA DA CRÍTICA DAS IDEOLOGIAS; 4. A CRÍTICA DAS IDEOLOGIAS SÓ ALCANÇA SIGNIFICADO CIENTÍFICO SE REPRODUZ O MOVIMENTO DO SER EM SEU DE- VIR; 5. REPRODUZIR O MOVIMENTO DO SER EM SEU DE- VIR É DESCOBRIR-LHES AS DETERMINAÇÕES ESSENCIAIS; 6. AS DETERMINAÇÕES ESSENCIAIS GEOGRÁFICAS SÃO O ESPAÇO E SEU DOMÍNIO E POSSE; 7. A ESPECIFICIDADE DO GEOGRÁFICO RESULTA, ENTÃO, EM QUE A IDEOLOGIA EM GEOGRAFIA CONFUNDE-SE COM O COTIDIANO DAS FORMAS E RELAÇÕES; 8. AS FORMAS E RELAÇÕES SÃO PERCE- BIDAS COMO ESPAÇO A PRODUZIR, ESPAÇO EM PRODUÇÃO E ESPAÇO PRODUZIDO; 9. O ESPAÇO PRODUZIDO, RESUL- TADO FINAL DO PROCESSO, É, NA VERDADE, O VERDADEI- RO PONTO DE PARTIDA, COMO TRABALHO QUE O PRODUZ; 10. É UMA CARACTERÍSTICA DA GEOGRAFIA QUE O ESPAÇO QUE SE PRODUZ SÓ O PODE SER A PARTIR DO PRÓPRIO ES- PAÇO EXISTENTE, JÁ PRODUZIDO PELO TRABALHO; 11. DESVENDAR O SIGNIFICADO DAS FORMAS E RELAÇÕES É O MODO DE PÔR-SE O MÉTODO GEOGRÁFICO ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO DA PESQUISA; 12. O ESPAÇO PRODUZIDO É UM 'A PRIORI' QUE SÓ PODE SER COMPREENDIDO EM SEU SIG- NIFICADO 'A POSTERIORI'; 13. NÃO OBSTANTE, O CONHECI- MENTO CIENTÍFICO DESDE LOGO SE PÕE COMO O MODO IDEOLÓGICO DESSA COMPREENSÃO; 14. PARA UTILIZAR O CONHECIMENTO CIENTÍFICO É PRECISO, ENTÃO, PÔR-SE COMO SUJEITO CONSCIENTE DO ATO DE CONHECER; 15. A CONSCIÊNCIA DO DEVIR MOSTRA-SE, ENTÃO, COMO PAR- TE DO MÉTODO, QUE O ACOMPANHA NO MOVIMENTO DO PENSAR AS FORMAS E RELAÇÕES; 16. A VERDADE DO CO- NHECIMENTO APARECE, POR FIM, COMO A PRÁTICA TEÓ- RICA CORRETA, QUE TEM NA POSIÇÃO DE CLASSE O PA- RÂMETRO DO ENCONTRO DO SIGNIFICADO DA TEORIA PRÁTICA, QUE, AO ORIENTAR A AÇÃO, MOSTRA-SE COMO PRÁTICA TEÓRICA. POR ISSO, A VERDADE É UMA VERDA- DE DE CLASSE, QUE VARIA NO TEMPO E NO ESPAÇO DE SUA REALIZAÇÃO COMO FUTURO SOCIALMENTE DESEJA- DO". (SILVA, 1982:19/25)

O autor afirma o seguinte: "Foi muito difícil fazer este texto pa- ra esta reunião, porque nele discuto só consciência teórica e, para fa- zer isso, tive que desenvolver uma prática teórica". (SILVA, 1982:19)

O quarto trabalho é "A GEOGRAFIA FRENTE AOS MÉTO- DOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS", de WANDERLEY MESSIAS DA COSTA.

Depois de fazer a crítica do empiricismo positivista, em que diz: "Longe de constituir-se num método (teórico, vale dizer) em que os passos a serem seguidos determinam-se por um fio condutor com base em teorias preexistentes ou em indagações suscitadas por tais teorias referentes àquele objeto, o empiricismo de cunho naturalista mais assemelha-se a um receituário, em que os passos a serem seguidos pelo pesquisador determinam-se tão-somente por rígido cânones consagrados nas práticas laboratoriais e em rígidos princípios formais de linguagem e de conduta intelectual, vulgarmente conhecidos como 'científicos' ". (COSTA, 1982:27) O autor critica também o neopositivismo em Geografia e diz: "Apesar disto (da crítica ao velho positivismo), o ponto de vista aqui defendido é o de que estas práticas recentes, longe de configurarem uma abertura da Geografia para os métodos próprios das Ciências Sociais, representam antes de tudo um vigoroso processo de sofisticação das técnicas de análise, quantificação e representação (inclusive lingüística), aumentando o grau de 'precisão' dos resultados alcançados e acentuando consideravelmente, com isso, o rigor formal do discurso, até então tido como pitoresco e até mesmo esdrúxulo pelo conjunto das ciências acadêmicas. Substituiu-se o excepcionalismo pelo formalismo" (p. 28). Essas críticas são feitas em nome do marxismo, que continua ignorado. Mas não se trata de dogmas e esquemas teóricos a serem incorporados à Geografia. Diz o autor: "O marxismo deve ser para nós principalmente um método, não um conjunto de dogmas e de esquemas teóricos, próprios do positivismo. Isto significa dizer que o *movimento* e a *superação histórica*, próprios do métodos marxista, devem ser aplicados antes de tudo ao próprio marxismo, como forma de se evitar a ossificação e o congelamento dos conceitos e categorias marxistas, e, além disso, contribui para que o espectro do formalismo acadêmico (seja ele desta ou daquela matriz ideológica) possa ser definitivamente afastado dos estudos geográficos". (COSTA, 1982:30)

O trabalho seguinte é o de ANTONIO CARLOS ROBERT MORAES, intitulado "A GEOGRAFIA TRADICIONAL E SUA RENOVACÃO".

Trata-se, inicialmente, de uma avaliação de autores do que denomina Geografia Tradicional. Inicia falando de HUMBOLDT e RITTER, autores que têm desdobramentos posteriores. Diz o autor: "Falar em Geografia Tradicional implica em se aceitar a possibilidade de agrupamento de várias correntes dessa disciplina num conjunto diferenciável, isto é, dotado de unidade em sua diversidade. Assim, em afirmar a existência de certos parâmetros comuns no corpo das várias escolas geográficas; estas dariam a via da continuidade, pela

qual se articulam as propostas distintas, originando desse modo a própria possibilidade de se definir uma Geografia unitária e particularizada". (MORAES, 1982:35) São características da Geografia Tradicional a de "ciência empírica pautada na observação", a de "ciência de síntese" e a de "ciência de contato" com outros domínios do conhecimento. O resultado é o naturalismo como abordagem.

Na continuidade do texto o autor fala de RATZEL, VIDAL DE LA BLACHE, BRUNHES, SORRE, HARTSHORNE CHOLLEY e LE LANNON como desenvolvimento e limites da Geografia Tradicional. O positivismo é a interpretação do mundo comum a todos eles e as bases sociais são as do advento e evolução do capitalismo.

Na atualidade desenvolveu-se a crítica das posições tradicionais, iniciando-se tal processo na década de 50. São várias as alternativas: "Tal movimento de renovação engloba perspectivas das mais diversas; algumas vislumbram sua saída na aceitação das postulações neopositivistas (em suas variantes analítica, quantitativa, sistêmica etc.); outras buscam fundamentos na senda não explorada da dialética (fenomenologia, existencialismo etc). São buscadas aproximações com disciplinas afins (Urbanismo, Psicologia, Economia etc.). As leituras filosóficas são retomadas (há até quem fale de uma Geografia "Teórica)". (MORAES, 1982:41)

Do agrupamento possível de fazer resulta o daqueles que efetivaram uma ruptura epistemológica (Geografia Crítica) e o daqueles que fizeram uma ruptura acadêmica (Geografia Pragmática).

A Geografia Crítica manifesta-se como a da "perspectiva de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação instituída". (MORAES, 1982:42) Esta posição inclui desde liberais até marxistas.

Conclui o autor afirmando que a Geografia Crítica é uma "frente ética", enquanto a Geografia Marxista "é um fato novo e ainda não efetivado". (MORAES, 1982:43)

O autor afirma uma posição ao dizer que "cabe explicar as formas concretas de organização do espaço como manifestação de processos sociais, assim articuladas e determinadas pelo modo de produção que se engendrou e desenvolve. Tem-se a valorização do espaço como o enunciado mais amplo do temário geográfico, pois apreende a con-

cepção de processo, e refere-se às categorias valor e trabalho, fundamentais na análise de qualquer forma da materialidade social, relacionando-as à categoria mais abrangente do pensamento geográfico. A valorização do espaço, enquanto processo geral, manifesta-se em formações territoriais particulares, cuja explicação pede o concurso da análise histórica e da avaliação das características naturais da área enfocada". (MORAES, 1982:44) O sexto trabalho é o de ANDRÉ ROBERTO MARTIN, intitulado "PROBLEMAS DE ABORDAGEM NO ESTUDO GEOGRÁFICO DO FENÔMENO URBANO".

O autor trata inicialmente de O URBANO E SUA DETERMINAÇÃO. Considera, então, a análise morfológica como a abordagem inicial; a esta contrapõe-se a concepção genética que considera o urbano como "incorporado à análise de cada modo de produção particular". (MARTIN, 1982:48) Elogia, por isso, DAVID HARVEY, quando este considera a relação entre formas espaciais e processos sociais.

A seguir, desenvolve O URBANO E O MODO DE PRODUÇÃO, onde assume a perspectiva de HENRI LEFEBVRE, para quem o fenômeno urbano não é objeto de nenhuma ciência especializada. Então, trata-se de críticas, respectivamente, à idéia de cidade como um organismo, à abordagem economicista, para quem a cidade é uma mercadoria, e à escola sociológica, que trabalha com a idéia de agentes modeladores.

O autor acredita que a totalidade só possa ser conseguida quando se considera a cidade "em seu conflito concreto com o campo". (MARTIN, 1982:51)

Termina o trabalho com o item ESPECIFICIDADE DA ABORDAGEM GEOGRÁFICA, em que alguns conceitos norteiam a análise. São eles: "sítio", "situação" e "posição". Como diz: "Estes conceitos se referem ao espaço, entendido como 'lugar', e às relações entre os lugares. Confirmam, assim, uma abordagem locacional típica, aparecendo como instrumentos de análise espacial". (MARTIN, 1982:52)

O recorte geográfico do real deve subordinar-se ao recorte histórico, "surgindo assim a análise espacial como um subsídio suplementar, subordinado todavia às determinações universais do modo de produção". (MARTIN, 1982:53)

O último trabalho do Borrador nº 1 é "TEORIA E METODOLOGIA EM GEOGRAFIA URBANA", de MARIA ADÉLIA A. DE SOUZA.

A autora trabalhou com planejamento. Por isso, discute inicialmente a questão da polarização. Esta envolve a descentralização, a desconcentração, a concentração e a desconcentração concentrada. Como diz: "Quando fazemos propostas de descentralização, aquilo que imediatamente nós incorporamos é a manipulação da descentralização através do pólo e num descuidado teórico se esquece que o pólo é também concentração". (SOUZA, 1982:56)

A autora faz, então, a autocrítica de todo o seu trabalho anterior com a teoria da polarização. Defende uma "postura teórica mais profunda". Como diz: "Não se pode estudar a Geografia Urbana, além do exposto acima, sem estudar o funcionalismo, o estruturalismo, a dialética, a ideologia, a tecnologia da construção, a teoria do valor etc". (SOUZA, 1982:58)

Em seguida a autora faz sugestão de pesquisa. Diz que "existe um campo que dá margem a várias pesquisas, que é aquele de consolidar uma postura teórica, vinculada à teoria que nós bem entendemos e tentar avaliar e analisar os estudos urbanos que foram produzidos para o Brasil". (SOUZA, 1982:61) Outras sugestões são o estudo da metropolização brasileira e o da geopolítica relacionada à Geografia Urbana, "para entender estratégias de ação que achamos ser o grande campo de ação dos geógrafos". (SOUZA, 1982:63)

Termina a autora fazendo a crítica da quantificação e diz esperar que "a leitura destas informações traga explicações quantificadas sobre o espaço e não uma mera possibilidade de quantificar o visível, o descritível". (SOUZA, 1982:65)

2. Geografia e Realidade

Um segundo momento de consciência da crise no ano de 1980 foi a publicação de TERRITÓRIO LIVRE Nº 2, com a divulgação do debate sobre "Geografia e Realidade", do qual participaram ARIODALDO UMBELINO DE OLIVEIRA, ARMEN MAMIGONIAN e RUY MOREIRA.

RUY MOREIRA argumenta que a Geografia é uma ciência social que "tem condições de ter linguagem de relações sociais, uma

linguagem política, uma linguagem de discurso político, porque ela é uma ciência social". (MOREIRA, 1980:3)

ARMEN MAMIGONIAN discorda de RUY MOREIRA e argumenta que o objeto da Geografia não é o espaço, mas a sociedade, combatendo a especialização científica e defendendo um pensamento global sobre a realidade.

ARIOVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA relata uma experiência pessoal de trabalho com a Geografia que hoje renega porque vinculada aos interesses das classes dominantes e propõe a luta pelo socialismo.

Seguiu-se o debate com várias intervenções sobre liberdade, reforma de currículo, crítica à Geografia acadêmica, marxismo, neopositivismo, divisão intelectual do trabalho, transição ao socialismo, forças produtivas e método e teoria.

3. Reflexões sobre a Geografia

Outra publicação do ano de 1980 foi o de reflexões sobre a Geografia, da Associação dos Geógrafos Brasileiros, seção de São Paulo, onde aparece o artigo de MILTON SANTOS intitulado "GEOGRAFIA, MARXISMO E SUBDESENVOLVIMENTO".

Inicia seu texto falando do uso de categorias marxistas em Geografia. Não foi sem dificuldade que muitos geógrafos tentaram fazê-lo.

Para MILTON SANTOS, "a unidade fundamental para o estudo geográfico deveria ser a Nação-Estado". (SANTOS, 1980 a:87)

Termina seu trabalho falando do Terceiro Mundo. Segundo ele, "o espaço subdesenvolvido tem um caráter específico: as prioridades de importância variam, mesmo quando operam as mesmas forças, já que suas combinações e resultados são diferentes". (SANTOS, 1980 a: 88)

O resultado é o de existirem frentes de avanços diferentes no processo de renovação radical da Geografia. No entanto, é preciso evitar a renovação apenas de linguagem e o dogmatismo, assim como "seguir uma corrente que possa resultar simplesmente em outra moda passageira". (SANTOS, 1980 a:92)

4. Geografia e Sociedade

“GEOGRAFIA E SOCIEDADE” foi um número especial da revista *Voices* dedicado à Geografia. Trata-se de uma publicação que fez muito sucesso quando surgiu, porque representava um importante avanço na eclosão de uma consciência da crise.

Ela contém os seguintes trabalhos: “DA ‘NOVA GEOGRAFIA’ À ‘GEOGRAFIA NOVA’”, de ROBERTO LOBATO CORRÊA; “É POSSÍVEL UMA ‘GEOGRAFIA LIBERTADORA’?”, de ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA; “GEOGRAFIA E ‘PRAXIS’”, de RUY MOREIRA; “REVENDO CRITICAMENTE A GEOGRAFIA”, de JOÃO MARIANO DE OLIVEIRA; e “REFORMULANDO A SOCIEDADE E O ESPAÇO”, de MILTON SANTOS. Acompanha um texto sobre “BIBLIOGRAFIA SOBRE GEOGRAFIA” e uma seção de IDÉIAS & FATOS, com um texto de MILTON SANTOS sobre GEOGRAFIA NOVA.

O organizador da revista, em nota DO REDATOR, nos diz: “Durante muito tempo a Geografia esteve prisioneira dos meios acadêmicos e dos livros didáticos, das universidades e instituições de pesquisas oficiais, e dos seus periódicos. Afastada das lutas sociais que explodiam por toda parte nos últimos anos, hoje parodia o poeta João Cabral de Mello Netto, ‘saltando p’ra dentro da vida”.

“De repente, ouve-se o burburinho dos que percebem a crise e começam a pensar nova forma e novo modo de produzir”. (REVISTA VOZES, 1980:251)

Mais adiante pergunta: “Que Geografia é esta que ‘se desgarra de sua ortodoxia, conservada a ar refrigerado (congelada, diria FOUCAULT), para insinuar-se por periódicos ‘profanos’, fundir-se aos movimentos sociais das ruas e dos campos, e propor um basta ao monopólio da linguagem social pela História e pela Sociologia?” (REVISTA VOZES, 1980:251)

ROBERTO LOBATO CORRÊA, em seu texto “DA ‘NOVA GEOGRAFIA’ À ‘GEOGRAFIA NOVA’”, afirma que a Geografia passou por uma “revolução” na década de 50, sendo até então caracterizada pela abordagem regional, de um lado, e, de outro, pela abordagem ecológica. “A primeira considera as inter-relações de fenômenos naturais e sociais sobre uma unidade territorial, privilegiando

as diferenças produzidas por essas inter-relações. A segunda procura ver as relações entre o homem e a natureza, e cada uma dessas abordagens comporta mudanças, havendo mesmo combinações de ambas". (CORRÊA, 1980 a:253)

A Nova Geografia critica o caráter ideográfico da Geografia anterior e propõe o uso do método científico nessa disciplina, preconizado pelo positivismo lógico, para a Geografia tornar-se verdadeiramente uma ciência. O ponto de partida foi o conhecido artigo de FRED SCHAEFER contra o "excepcionalismo".

Segundo ROBERTO LOBATO CORRÊA, a "Nova Geografia", acompanhada da quantificação, responde a novas exigências do capitalismo em expansão durante os anos 50.

A "Nova Geografia" apresenta algumas características significativas: a) a "coisificação" das formas espaciais; b) a neutralidade do cientista; c) a quantificação; d) a preocupação com semelhanças e regularidades; e) a visão idealista da sociedade; f) um paradigma de consenso; g) um domínio da descrição de caráter fotográfico; h) uma visão fragmentária da realidade; i) uma consideração matemática do espaço; e j) um reduzido interesse nos estudos das relações homem-natureza — caracterizando, segundo ANDERSON, uma ideologia.

ROBERTO LOBATO CORRÊA critica essa Geografia como alienante e alienadora.

A seguir, passa a falar da "Geografia Nova", que surgiu na década de 70, a partir de autores antes comprometidos com a "Nova Geografia": WILLIAM BUNGE, DAVID HARVEY, JAMES BLAUT, MICHAEL HURST, RICHARD PEET, GUNNAR OLSSON e outros. Diz ROBERTO LOBATO CORRÊA que "esta 'Geografia Nova' ou 'Geografia Radical' sofria, no seu nascedouro, de grande deficiência devido ao desconhecimento do materialismo histórico e da dialética marxista que o macartismo da década de 1950 eliminara dos meios acadêmicos e que tanto a 'velha' como a 'nova' Geografia desconheciam". (CORRÊA, 1980:258) A trajetória foi, então, difícil. Nos Estados Unidos surge a revista ANTIPODE e na França o periódico HERODOTE.

Segundo o autor, "a 'Geografia Nova' emergiu na década de 1970 e está sendo elaborada. Ao que tudo indica, a década de 1980 deverá ser crucial para seu desenvolvimento. No estágio atual ela se caracteriza por congrega geógrafos 'convertidos' e jovens geógrafos que

já se formaram dentro desta perspectiva. Congrega uma gama de geógrafos que inclui desde aqueles liberais com preocupações com questões de justiça social aos anarquistas e marxistas de diversos matizes". (CORRÊA, 1982 a:259)

O artigo de ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA já foi visto anteriormente.

O trabalho de RUY MOREIRA intitula-se "GEOGRAFIA E PRÁXIS: ALGUMAS QUESTÕES".

O autor adverte que "cinco eixos de reflexão do espaço indicam em nossos dias o desenvolvimento de uma vertente marxista no pensamento geográfico: 1) o espaço como formação social (MILTON SANTOS); 2) o espaço como mediação da reprodução das relações de produção (HENRI LEFEBVRE); 3) o espaço como mediação das relações de dominação de classes e de poder (LACOSTE); 4) o espaço como sistema de contradições sociais (DAVID HARVEY); 5) a sociedade como natureza socializada e história naturalizada (MASSIMO QUAINI)". (MOREIRA, 1980 a:267)

Deparamo-nos, então, com os fundamentos de uma teoria marxista de Geografia. O que se propõe, pois, é uma praxis de transformação do mundo.

A primeira questão que o autor examina é A QUESTÃO DA PRÁXIS. Diz ele que numa sociedade de classes "ou a ciência serve às classes dominantes, para acumular ainda mais em suas mãos capital e poder, ou serve às classes dominadas, para avançar em suas lutas por uma sociedade nova, sem classes e opressão". (MOREIRA, 1980 a:268)

A segunda questão é A QUESTÃO DO DISCURSO, ou seja: "Se pretendermos uma praxis social de tipo novo, voltada para a transformação da sociedade a partir de suas bases, impõe-se como uma condição necessária a produção das ferramentas teóricas apropriadas". (MOREIRA, 1980 a:268)

A terceira questão é A QUESTÃO DA LINGUAGEM, ou seja: "Sem uma linguagem revolucionária pouco se andar na direção de um discurso de tipo novo". (MOREIRA, 1980 a:269)

A quarta questão é A QUESTÃO DA EPISTEMOLOGIA, ou seja: "Os fundamentos de um discurso teórico derivam da perspec-

tiva ideológica em que este se ponha. Contudo, qualquer discurso só contribui com a realização de suas propostas ideológicas quando fundado em sólida base epistemológica". (MOREIRA, 1980 a:270)

A quinta questão é A QUESTÃO DA CRÍTICA HISTÓRICA, ou seja: "Nenhum campo de saber opera um salto qualitativo em seus fundamentos epistemológicos, se este salto não for o produto de um mergulho crítico em seus fundamentos históricos". (MOREIRA, 1980 a:271)

A sexta questão é A QUESTÃO DO NATURAL, ou seja: "A relação homem-meio é na verdade uma relação sociedade-natureza, e podemos concebê-la como uma *totalidade estruturada de relações*". (MOREIRA, 1980 a:274)

A sétima questão é A QUESTÃO DO SOCIAL, ou seja: "O processo de socialização da natureza materializa-se em uma *totalidade estrutural de relações com determinantes sociais*". (MOREIRA, 1980 a:275)

A oitava questão é A QUESTÃO DO MÉTODO, ou seja: "O caminho seguro do método é o da inserção do arranjo espacial (das formas) no jogo das suas determinações múltiplas, sobretudo as determinações de classe, para desvendar as contradições sociais que atuam como motor da história de cada Formação Econômico-Social" (MOREIRA, 1980 a:277)

O autor termina seu trabalho argumentando que "uma teoria do espaço é uma teoria da sociedade". (MOREIRA, 1980 a:278)

O texto de JOÃO MARIANO DE OLIVEIRA intitula-se "REVENDO CRITICAMENTE A GEOGRAFIA". Trata-se de uma discussão sobre o espaço geográfico e o espaço social. Diz ele: "O conceito de espaço social torna-se mais rico, pois exclui o espaço geográfico, mas lhe dá conteúdo. Esta noção não permite ao geógrafo recusar ou menosprezar a abstração que abre caminho para se atingir o conhecimento, pois se o fizer estará fazendo perpetuar um discurso valorativo dos outros aspectos do real (palpável, visível) e estará se distanciando da compreensão da realidade enquanto realidade". (SANTOS, 1980 b:285)

O texto de MILTON SANTOS intitula-se "REFORMULANDO A SOCIEDADE E O ESPAÇO".

Inicialmente se pergunta sobre a possibilidade de uma mudança radical na organização atual do espaço e afirma duas hipóteses: "1) com a modificação da natureza das relações do Estado com o sistema internacional; 2) com a mudança do próprio sistema internacional". (SANTOS, 1980 b:285)

Essa mudança é possível porque o sistema internacional está mudando do atual *período tecnológico* para outro *período histórico*. Nesse caso, "a uma mudança do sistema internacional corresponderá uma mudança de importância das variáveis-chave, assim como do tipo de relações entre espaços nacionais e no interior de cada espaço nacional". (SANTOS, 1980 b:285)

Dois mudanças extremas seriam: 1) a exacerbação da expansão para a periferia com redução das relações intercapitalistas; e 2) uma atenuação do domínio sobre os países subdesenvolvidos.

Para o autor, "o problema de eliminar a pobreza, isto é, de suprimir as diferenças de renda criadas por um processo produtivo gerador de desigualdades, supõe uma mudança no próprio processo produtivo, o que vale dizer, das relações do homem com a natureza e dos homens entre si". (SANTOS, 1980 b:286)

Segundo ele, "até agora o espaço foi utilizado, em quase toda parte, como veículo do capital e instrumento da desigualdade social, mas uma função diametralmente oposta poderá ser-lhe encontrada. Acreditamos, aliás, ser impossível chegar a uma sociedade mais igualitária sem reformular a organização do seu espaço". (SANTOS, 1980 b:289)

Então, "nosso problema teórico e prático é o de reconstruir o espaço para que não seja o veículo de desigualdade social e ao mesmo tempo reconstruir a sociedade para que não crie ou preserve desigualdades sociais. Em outras palavras, trata-se de reestruturar a sociedade e de dar uma outra função aos objetos geográficos concebidos com um fim capitalista, ao tempo que os novos objetos espaciais já devem nascer com uma finalidade social". (SANTOS, 1980 b:293)

Termina o autor argumentado que "em nossos dias o espaço é apropriado, ou, ao menos, comandado segundo leis mundiais. Desde que se possa encontrar leis de funcionamento à escala das sociedades interessadas, as formas de evolução serão completamente diferentes assim como diversas as possibilidades de planificação". (SANTOS, 1980 b:295)

5. O Boletim Paulista de Geografia nº 57

Este Boletim publica o texto de MYRNA T. REGO VIANA intitulado "ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A LUTA PELA TERRA NA CIDADE".

Para a autora, "nas formações sociais em que o modo de produção capitalista é dominante, a cidade é o lugar onde as forças produtivas atingem seu maior nível de desenvolvimento.

"A forma espacial da cidade revela tanto as características de desenvolvimento das forças produtivas como também as contradições presentes na formação econômico-social, já que esta ganha concretude no espaço.

"É dentro desse quadro que temos que tentar entender a luta pela terra na cidade, luta pela moradia que, até onde podemos compreender, é um dos aspectos da luta das classes trabalhadoras *pelo direito à cidade*". (VIANA, 1980:93)

Para MYRNA, "definir a luta pela moradia como o centro da luta de classes, e mais simplificada, como querem alguns, como uma luta entre o proletariado e a burguesia, é deixar de considerar a ampla complexidade das relações de classe da nossa sociedade e transferir sua determinação da produção para o consumo".

"Nesse processo de luta pela moradia está em jogo a reprodução de todas as classes sociais que dela participam. Essa luta é, na verdade, *um aspecto* da luta de classes, mas tem um caráter amplo e democrático porque une na mesma reivindicação classes sociais diferentes". (VIANA, 1980:96/7)

6. Os Anais do 4º ENG no Rio de Janeiro

Os Anais do 4º Encontro Nacional dos Geógrafos apresentam vários trabalhos de importância para a renovação da Geografia brasileira.

O primeiro deles é o de ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA, intitulado "A QUESTÃO AGRÁRIA".

O autor inicia seu trabalho dizendo que o 4º ENG "marca o início de uma era para a produção geográfica brasileira. Marca a era

do rompimento com o atrelamento aos aparelhos ideológicos do Estado. Marca o rompimento com a ideologia capitalista, ou melhor, com o modo capitalista de pensar dominante, ao qual, quer queiram, quer não, sempre estiveram cooptados os geógrafos brasileiros, salvo, é óbvio, algumas e honrosas exceções". (OLIVEIRA: 1980:40)

Afirma que a produção geográfica científica brasileira nasceu na crise mundial do modo capitalista de produção que levou o mundo à segunda grande guerra. Nasceu também num período "em que o bloco no poder alterava-se, e as classes dominantes, de origem agrária, perdiam sua posição hegemônica". (OLIVEIRA, 1980:41)

Enquanto o capitalismo entrava em sua fase monopolista a nível internacional, "a formação social brasileira agita-se procurando adaptar-se a essa nova ordem, mas a Geografia brasileira ignorou durante muito tempo tudo isso. Por isso, nasceu velha, cheia dos valores do capitalismo concorrencial, que teimosamente, durante muito tempo depois, aplicou em sua produção". (OLIVEIRA, 1980:41)

No após-guerra surgiram alguns trabalhos que apontavam contradições no campo, tratando do social e não apenas das relações técnicas de produção.

Para o autor, "entender o desenvolvimento desigual do modo capitalista de produção na formação social brasileira significa entender que o mesmo supõe sua reprodução ampliada, ou seja, que ela só é possível articulada com formas sociais, não capitalistas". (OLIVEIRA, 1980:43)

E para isto é necessário pensar o país do ponto de vista da democracia no socialismo.

O trabalho seguinte é de RUY MOREIRA e intitula-se "GEOGRAFIA, ECOLOGIA, IDEOLOGIA: A 'TOTALIDADE HOMEM-MEIO' HOJE".

Argumenta RUY MOREIRA que o problema da abordagem da totalidade implica considerar que "a compreensão do todo pressupõe a reflexão do seu processo de produção-reprodução pela dialética do trabalho, do movimento que determina o caráter real, concreto, da totalidade". (MOREIRA, 1980 b:245)

Crítica o empirismo e o teoricismo e assume a posição de que "somente a prática teoricamente orientada é capaz" (de dar conta do real). (MOREIRA, 1980 b:246)

Totalidade, que implica movimento e contradição, é diferente da noção de sistema, esta, própria do funcionalismo e não da dialética. (MOREIRA, 1980 b:246/7)

O autor critica a visão ecológica em Geografia, que se prende à relação homem-meio. (MOREIRA, 1980 b:247/8/9)

ARMANDO CORRÊA DA SILVA apresenta o trabalho intitulado "A SUBTOTALIDADE GEOGRÁFICA E SUA ESPECIFICIDADE".

O autor afirma o seguinte: "Uma das características da boa epistemologia é o desvendar crítico das abordagens que transformam a análise do real em mera linguagem sobre as aparências. Contudo, essa crítica tem indicado a fragilidade das soluções e a debilidade do discurso, mais do que apontado em direção da construção dos fundamentos ontológicos do conhecimento geográfico.

"Argumenta-se que o embate ideológico é a forma mesma de descobrir esses fundamentos. Estaria, assim, a construção do discurso geográfico alicerçada na denúncia do cotidiano e vinculada à superestrutura das idéias que a instrumentalizam.

"O ponto de partida aqui é diverso. Trata-se de, no plano teórico, descobrir as categorias reais que justificam um recorte do ser, a que se denomina subtotalidade geográfica". (SILVA, 1980:269)

O autor atém-se à noção de particularidade que em Geografia refere-se às formas e processos espaciais, que são resultado do trabalho. (SILVA, 1980:270)

Sua argumentação leva à noção de formação geográfica, e daí a questões práticas de atuação profissional. (SILVA, 1980:271)

O texto seguinte é de CARLOS WALTER PORTO CONÇALVES e tem o título "NOTAS PARA UMA INTERPRETAÇÃO NÃO-ECOLOGISTA DO PROBLEMA ECOLÓGICO".

"A questão ecológica vem a cada dia ocupando um espaço maior em nossas vidas". (...) "Estranho paradoxo este da 'questão ecológica': todos, independentemente da sua posição social, incorporam o discurso do verde, do combate à degradação ambiental, constituindo um verdadeiro modismo". (GONÇALVES, 1980:272)

O problema do autor é: "Coloca-se-nos, pois, uma primeira e fundamental preocupação: como abordar esta questão nos quadros de uma relação social contraditória entre o capital e o trabalho?" (GONÇALVES, 1980:273)

No item O FUNDAMENTO DA APROPRIAÇÃO DA NATUREZA: O PROCESSO DE TRABALHO, o autor procura responder à questão. Depois de expor os fundamentos do materialismo histórico e dialético sobre a questão, desenvolve breve análise sobre o significado da questão ecológica, terminando por propor a luta pelo socialismo, como "a construção de um mundo dos homens para os homens". (GONÇALVES, 1980:277 a 283)

ANA FANI ALESSANDRI CARLOS e SANDRA LENCIONI apresentam o texto intitulado "A APROPRIAÇÃO CAPITALISTA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO".

As autoras afirmam que "o espaço geográfico enquanto produto histórico é hoje fruto de relações específicas que se estabelecem entre sociedade e espaço no modo da produção capitalista". (CARLOS e LENCIONI, 1980:295)

Através do estudo do que se passa além da forma, descobre-se a apropriação do espaço, e sua expansão material é a propriedade.

As autoras fazem longa digressão a propósito da propriedade, apoiando-se em textos de MARX.

Concluem dizendo que "a prioridade, seja qual for sua expressão formal, é sempre apropriação da terra. Sua expressão pode variar no tempo histórico, mas ela sempre significa apropriação da terra. Conseqüentemente, a renda da terra é a realização econômica da propriedade territorial.

"A forma é o mais visível das coisas que determina a maneira da coisa, portanto não se deve confundir o imediato com a essência. O espaço geográfico aparece formalmente através da paisagem e sua apropriação através da propriedade da terra, mas ambas só têm sentido como formas através das quais o espaço geográfico se apresenta e pode ser apropriado. Tanto uma quanto outra só podem ser analisadas como manifestações formais do fenômeno, que em essência é uma relação social que só pode se concretizar formalmente para que possa

ser apreendida e conseqüentemente revelar a essência do fenômeno” (CARLOS e LENCIONI, 1980:304/5)

O texto seguinte é de ANTONIO CARLOS ROBERT MORAES e intitula-se “A GEOGRAFIA TRADICIONAL E SUA RENOVACÃO”.

Para o autor, “a Geografia é engrenada como parte do arcabouço teórico e prático desenvolvido na instauração do domínio do modo de produção capitalista. É no período de transição do feudalismo ao capitalismo que se constituem as condições de erupção da Geografia: as grandes descobertas do quinhentismo, o mercantilismo, a expressão colonial. Entretanto, a efetiva sistematização dessa disciplina só vai ocorrer com a consolidação da sociedade burguesa. Mais ainda, pode-se dizer que a sistematização geográfica é um elemento a mais de implementação dos interesses de tal sociedade”. (MORAES, 1980:307)

Com HUMBOLDT e RITTER desenvolve-se o que o autor denomina Geografia Tradicional, que se pautará pelo empirismo, pela colocação normativa da Geografia como “ciência de síntese” pelo naturalismo. No conjunto ocorre uma perspectiva positivista, não-dialética, que deixa “um rico acervo empírico acumulado numa labuta de anos de levantamento de realidades locais”. (MORAES, 1980:312). Essa Geografia entra em declínio na fase monopolista do capitalismo.

Na crítica da Geografia Tradicional surgem duas vertentes: a Geografia Pragmática e a Geografia Crítica. Na vertente denominada Geografia Crítica, que é uma “frente ética”, que inclui desde liberais até marxistas, a orientação marxista, em uma de suas modalidades, propõe a valorização do espaço que, “enquanto processo geral, manifesta-se em formações territoriais particulares, cuja explicação pede o concurso da análise histórica e da avaliação das características singulares da área enfocada”. (MORAES, 1980:319)

Diz o autor: “Enfim, esta é uma perspectiva ainda em elaboração, que aponta para uma Geografia participante e crítica, para uma Geografia que vinha a se constituir em mais uma arma de luta pela transformação da realidade social brasileira”. (MORAES, 1980:319)

ANA FANI ALESSANDRI CARLOS apresenta o trabalho intitulado “A CONSCIÊNCIA DA CRISE”.

Partindo da análise do conhecimento a autora defende a necessidade do pensamento crítico que se remete à totalidade. Por isso, a crítica da ciências, dividida pela divisão do trabalho, se faz necessária.

É feita uma crítica à Geografia Quantitativa: "O que se deve ter em conta é que a reconstituição da realidade concreta só pode ser feita pelo movimento do abstrato para o concreto pelo pensamento e não pelo modelo". (CARLOS, 1980:323) Daí a crítica à especialização, como um "modo de pensar capitalista", que produz a alienação.

Termina o texto com uma consideração sobre o espaço geográfico.

O texto seguinte é de ROBERTO LOBATO CORRÊA e intitula-se "GEOGRAFIA BRASILEIRA: CRISE E RENOVAÇÃO".

O autor considera o período 1960-1980. Desde 1950, com PIERRE GEORGE, MICHEL ROCHEFORT e JEAN TRICART, a Geografia começou a desvincular-se da tradição: "Em realidade queremos crer que o período de 1956-1965 marca uma fase de transição na Geografia brasileira, transição esta entre, de um lado, uma Geografia vidaliana, humanista e de certa forma ingênua, aparentemente pouco articulada às questões nacionais mais importantes, e marcada por uma hegemonia da parte dos geógrafos paulistas ancorados na Universidade de São Paulo e na AGB; de outro, transição para uma Geografia que se tornaria, após 1964, muito pouco vidaliana, pretensamente pragmática, voltada em grande parte para o sistema de planejamento que, a partir de então, se organiza em escala federal e se difunde por todos os Estados do país, aparentemente preocupada com os grandes ou falsos problemas nacionais, e progressivamente inserindo-se cada vez mais como parte do aparelho ideológico de um Estado que, simultaneamente, se tornou mais e mais autoritário". (CORRÊA, 1980:330)

O autor enumera as características da "New Geography", que "é, em si mesma, velha por participar, juntamente com outros elementos do aparelho ideológico do Estado, de uma luta contra o novo, contra o futuro". (CORRÊA, 1980 b:371) São elas: a coisificação das formas espaciais, a neutralidade, a quantificação, a preocupação com semelhanças e regularidades, a visão idealista da sociedade, o paradigma de consumo neoclássico, a descrição, a visão fragmentada da realidade, o espaço matemático e relativo, o privilegiamento de padrões e interações espaciais.

A "Nova Geografia" é mais ingênua e alienada que a Geografia tradicional e, além disso, alienante.

O autor contrapõe à "*New Geography*" a "Geografia Nova", proposta por MILTON SANTOS, surgida em 1978.

1981: UM BALANÇO

Em 1981 foi publicado um pequeno livro de ANTONIO CARLOS ROBERT MORAES intitulado "GEOGRAFIA. PEQUENA HISTÓRIA CRÍTICA".

Esse trabalho abrange uma visão completa da Geografia, desde suas origens até o presente. O autor desenvolve uma boa epistemologia dessa disciplina confrontando o pensamento geográfico com os dados históricos.

O livro contém os seguintes capítulos: O OBJETO DA GEOGRAFIA, O POSITIVISMO COMO FUNDAMENTO DA GEOGRAFIA TRADICIONAL, ORIGENS E PRESSUPOSTOS DA GEOGRAFIA, A SISTEMATIZAÇÃO DA GEOGRAFIA: HUMBOLDT E RITTER, RATZEL E A ANTROPOGEOGRAFIA, VIDAL DE LA BLACHE E A GEOGRAFIA HUMANA, OS DESDOBRAMENTOS DA PROPOSTA LA BLACHIANA, ALÉM DO DETERMINISMO E DO POSSIBILISMO: A PROPOSTA DE HARTSHORNE, O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA, A GEOGRAFIA PRAGMÁTICA, A GEOGRAFIA CRÍTICA, PALAVRAS FINAIS, BIBLIOGRAFIA COMENTADA.

O grande mérito desse livro é estabelecer com clareza os grandes agrupamentos ideológicos da Geografia a partir do estudo do pensamento geográfico. Assim, o autor distingue os autores clássicos, precursores do que denomina Geografia Tradicional; em seguida indica as principais propostas da Geografia Tradicional e seus autores; a seguir discorre sobre a Geografia Pragmática; segue-se a perspectiva da Geografia Crítica e seus autores principais; finalmente, apresenta ao leitor a perspectiva marxista, também conhecida como Geografia Radical.

Destacando a Geografia atual em suas vertentes progressistas e revolucionárias, diz o autor: "Finalizando, pode-se dizer que o movimento de renovação, atualmente em curso na Geografia, com suas duas vertentes, reproduz, ao nível desse campo específico do conheci-

mento, o embate ideológico contemporâneo — reflexo, no plano da ciência, da luta de classes na sociedade capitalista. Os geógrafos críticos, em suas diferenciadas orientações, assumem a perspectiva popular, a da transformação da ordem social. Buscam uma Geografia mais generosa e um espaço mais justo, que seja organizado em função dos interesses dos homens”. (MORAES, 1981:127)

1982: A DIFUSÃO DAS NOVAS IDÉIAS

O ano de 1982 foi um ano de difusão das idéias de renovação geográfica no Brasil. Foram publicados dois livros de leituras: “GEOGRAFIA: TEORIA E CRÍTICA. O SABER POSTO EM QUESTÃO”, organizado por RUY MOREIRA; e “NOVOS RUMOS DA GEOGRAFIA BRASILEIRA”, organizado por MILTON SANTOS. Saiu o primeiro número da revista GEOGRAFIA, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Foi publicado o livro de MILTON SANTOS “PENSANDO O ESPAÇO DO HOMEM”. Realizou-se o 5º ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS em Porto Alegre. Finalmente, realizou-se uma CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO-AMERICANA DA UGI, no Rio de Janeiro.

Essas publicações reúnem artigos novos e alguns textos já divulgados anteriormente.

1. “Geografia: Teoria e Crítica”

Diz o organizador: “Reúne esta coletânea alguns dos textos de geógrafos brasileiros vindos à luz no período 1978-1981. Refletindo o plano geral dos anseios de liberdade democrática e justiça social que conduzem ao extraordinário ascenso político das organizações de massas operárias e populares — 1978 é o ano das greves no ABC —, atravessa-se um certo propósito de crítica e superação daquela Geografia da imagem popular que YVES LACOSTE denomina ‘Geografia do professor’ e ‘Geografia dos estados-maiores do Estado e do empresariado’ ”. (MOREIRA, 1982:7)

Em sua primeira parte, intitulada “A CRÍTICA TEÓRICA”, que mais interessa aqui, estão os seguintes textos: “GEOGRAFIA, MARXISMO E SUBDESENVOLVIMENTO”, de MILTON SANTOS; “O ‘ECONÔMICO’ NA OBRA GEOGRAFIA ECONÔMICA DE PIERRE GEORGE: ELEMENTOS PARA UMA DISCUS-

SÃO”, de ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA; “A GEOGRAFIA SERVE PARA DESVENDAR MÁSCARAS SOCIAIS”, de RUY MOREIRA; “EM BUSCA DA ONTOLOGIA DO ESPAÇO”, de ANTONIO CARLOS ROBERT MORAES; “O ESPAÇO COMO UM SER: UMA AUTO-AVALIAÇÃO CRÍTICA”, de ARMANDO CORRÊA DA SILVA; “A GEOGRAFIA ESTÁ EM CRISE. VIVA A GEOGRAFIA!”, de CARLOS WALTER PORTO GONÇALVES; e “GEOGRAFIA BRASILEIRA: CRISE E RENOVACÃO”, de ROBERTO LOBATO CORRÊA.

Alguns desses textos já foram mencionados.

“O ‘ECONÔMICO’ NA OBRA *GEOGRAFIA ECONÔMICA* DE PIERRE GEORGE: ELEMENTOS PARA UMA DISCUSSÃO”, de ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA, é um texto original de 1977.

Trata-se de uma discussão com apoio no materialismo histórico.

Diz o autor: “Queremos esclarecer que o ‘econômico’ a ser discutido é a infra-estrutura ou base, ou seja, a estrutura econômica da sociedade”. (OLIVEIRA, 1982 a:23)

Trata-se de uma crítica do método histórico da economia e da Geografia enquanto especialização, que conclui indicando a postura ideológica de Pierre George, identificada com “obras do discurso ideológico dos cientistas europeus”. (OLIVEIRA, 1982 a:29)

“O ESPAÇO COMO SER: UMA AUTO-AVALIAÇÃO CRÍTICA”, de ARMANDO CORRÊA DA SILVA, é apresentado como segue: “Neste trabalho considero a legalidade de uma disciplina que denomino Geografia teórica, destinada à discussão do problema do espaço como ser, por uma via que define a possibilidade da solução teórica, que implica uma prática específica. Como são muitos os problemas a levar em conta, e como se trata de um pensamento em elaboração, a forma que assume o discurso é a de uma auto-avaliação crítica. Esses problemas são: o movimento, que se repete, da posição racionalista à empirista, e vice-versa; a tentativa de responder à questão de se a estrutura é um componente ideológico do real ou se é um atributo do objeto; a categoria da subtotalidade, com a qual trabalho; o problema da natureza das relações; a busca da resposta para a indagação: o que é o espaço?; a solução pluralista em sua forma atual; uma teoria do lugar e seus fundamentos; o anti-

go tema da dialética da natureza; a materialidade do espaço; a relação positivismo-dialética na Geografia francesa; o que denomino de ontologia de Reclus; a categoria da particularidade; a natureza dos estudos sobre o Brasil; a singularidade estrutural; o movimento da estrutura; o movimento do pensamento em nossa época; as soluções ontológicas possíveis como a geoeconomia, a geoeconomia política, a espacialização da economia política. Termino o texto sugerindo a pesquisa como requisito para dar substância ao projeto de uma teoria em elaboração, capaz de dar a referida legalidade ao trabalho intelectual, capaz de produzir essa Geografia teórica". (SILVA, 1983 b:75)

"A GEOGRAFIA ESTÁ EM CRISE. VIVA A GEOGRAFIA!"
é um texto de CARLOS WALTER PORTO CONÇALVES.

Inicialmente discute a legalidade do trabalho intelectual, mas argumenta que ela não se dá fora de um contexto histórico-social. Como diz: "Qualquer esforço no sentido de desvendar a natureza da crise de um determinado segmento do espaço do saber deve, portanto, partir da premissa de que o trabalho intelectual, embora possuindo uma dinâmica específica, sofre influência do próprio contexto histórico que constitui a materialidade do trabalho científico". (GONÇALVES, 1982:93)

Depois de discorrer sobre A CRISE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA CRISE, fala de AS DIVERSAS "VISÕES" DA GEOGRAFIA OU A GEOGRAFIA DOS ANTOLHOS, fazendo a crítica da "visão ecológica", da "visão regional" e da "visão espacial". (GONÇALVES, 1982:95/6)

Fazendo a análise do capitalismo *pari passu* com o desenvolvimento da Geografia, procura estabelecer os parâmetros de uma Geografia "comprometida com a afirmação de uma teoria do espaço que seja *de e para* o homem, e não o espaço da sua opressão". (GONÇALVES, 1982:113)

2. "Novos Rumos da Geografia Brasileira"

Diz MILTON SANTOS, o organizador dessa coletânea: "Este volume reúne ensaios de certo número de geógrafos brasileiros comprometidos, como outros tantos colegas, com a edificação, em nosso país, de uma disciplina geográfica comprometida com o progresso social. Essa corrente de pensamento não é nova, mas em anos recen-

tes adquiriu vigor novo e vem querendo afirmar-se de modo mais explícito, através de uma busca sistemática de categorias teóricas e instrumentos de trabalho mais eficazes para o entendimento das relações entre a estrutura social e o uso do território". (SANTOS, 1982:7)

Em sua primeira parte, intitulada CONTRIBUIÇÕES BRASILEIRAS À TEORIA DA GEOGRAFIA, que mais interessa aqui, estão os trabalhos "CONTRIBUIÇÃO À CRÍTICA DA CRISE DA GEOGRAFIA", de ARMANDO CORRÊA DA SILVA; "O ESPAÇO GEOGRÁFICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES", de ROBERTO LOBATO CORRÊA; "REPENSANDO A GEOGRAFIA", de RUY MOREIRA; "REPENSANDO A TEORIA DOS LUGARES CENTRAIS", de ROBERTO LOBATO CORRÊA; "ESPAÇO E TEMPO: COMPREENSÃO MATERIALISTA E DIALÉTICA", de ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA; "A GEOGRAFIA E O PROCESSO DE VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO", de ANTONIO CARLOS ROBERT MORAES e WANDERLEY MESSIAS DA COSTA; e "ALGUNS PROBLEMAS ATUAIS DA CONTRIBUIÇÃO MARXISTA À GEOGRAFIA", de MILTON SANTOS.

O texto de ARMANDO CORRÊA DA SILVA, "CONTRIBUIÇÃO À CRÍTICA DA CRISE DA GEOGRAFIA", tece considerações sobre a crise do mundo contemporâneo e a crise da Geografia.

O autor discute a cultura da crise, a mente vazia e a programação, a liberdade como necessidade consciente, a contradição e a técnica, o papel da metodologia analítica, o poder, a luta pela paz, o espaço da prática, o espaço da técnica, o espaço da pesquisa, o espaço da ciência, o espaço do trabalho intelectual, o espaço do projeto e os espaços da Geografia. É quando diz: "Em primeiro lugar, o espaço da Geografia é o próprio espaço de sua subtotalidade. Por isso, é um espaço de ciência e ideologia, que se relaciona com outros espaços na interdisciplinaridade das múltiplas subtotalidades.

"Em segundo lugar, o espaço da Geografia é o seu próprio espaço interno, como espaço da natureza e espaço da sociedade. Espaço ontologicamente diferenciado, mas relacionado geneticamente e que apresenta mediações.

"Em terceiro lugar, o espaço da Geografia é o espaço referido ao segmento do real, cuja escolha depende do que se deseja e do conhecimento do real em seu movimento na particularidade.

“Em quarto lugar, o espaço da Geografia é o subespaço do real que remete à subtotalidade em seu conjunto, no retorno que dá sentido à aproximação em relação ao objeto.

“Em quinto lugar, o espaço da Geografia é o discurso que extrapola a subtotalidade, na consciência realizada como compreensão do real no todo e na parte”. (SILVA,1982 c:23/4)

O texto de ROBERTO LOBATO CORRÊA, “O ESPAÇO GEOGRÁFICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES”, discute “algumas questões que nos parecem relevantes sobre a natureza do espaço geográfico”. (CORRÊA, 1982 a:26)

O autor examina a formulação de HARVEY segundo a qual o espaço pode ser considerado como absoluto, relativo e relacional e pergunta: “Por que a prática humana criou três conceitos alternativos de espaço — morada do homem? Entendemos que os três conceitos emergem devido ao fato de que o espaço tem um *valor de uso*, constituindo-se primeiramente no suporte físico sobre o qual a sociedade se organiza; neste sentido é insubstituível, e o homem valoriza algumas de suas características como amenidades físicas e fertilidade que, apesar de terem significados diferentes de acordo com padrões culturais específicos, não são distribuídos uniformemente sobre a superfície da Terra. Deste modo certos espaços tornam-se escassos e mais desejáveis, dotados de alto valor de uso. A ‘fricção da distância’, também com significados culturais diferentes, pode, por si mesma, atribuir valores de usos diferenciados às diversas porções do espaço.

“Mas em uma sociedade integrada economicamente através de mecanismos de mercado, o espaço possui também um *valor de troca*, isto é, constitui-se em uma mercadoria que possibilita a obtenção de uma renda por parte daqueles que dela se apropriaram, quer devido ao seu alto valor de uso graças às condições naturais consideradas mais favoráveis, quer devido à escassez socialmente produzida através da ação humana ao longo do tempo — beneficiando certas partes do espaço com obras de infra-estrutura, possibilitando que certos espaços, através de seu conteúdo social, projetem uma imagem de prestígio e tornando alguns locais focos vitais do sistema de interações, encurtando assim, de modo agregado, as distâncias — quer simplesmente decorrente da apropriação de parcelas do espaço através da instituição da propriedade privada”. (CORRÊA, 1982 a:30)

O autor a seguir enfatiza o aspecto social do espaço e passa a fazer considerações sobre as relações espaciais (concentração, dispersão), que são mediações entre os processos sociais e a organização do espaço. (CORRÊA, 1982 a:32/4)

O texto de RUY MOREIRA, "REPENSANDO A GEOGRAFIA", retoma a discussão a respeito do arranjo espacial. Diz o autor: "O arranjo do espaço geográfico exprime o 'modo de socialização' da natureza. Tal o modo de produção, tal será o espaço geográfico. O processo de *socialização da natureza* pelo trabalho social, ou seja, a transformação da história natural em história dos homens (ou da história dos homens em história natural) implica uma *estrutura de relações sob determinação do social*. E é esta estrutura complexa e em perpétuo movimento dialético que conhecemos sob a designação de espaço geográfico".

"O espaço é a sociedade vista como sua expressão material visível. A sociedade é a essência, de que o espaço geográfico é a aparência, encerrando esta síntese o fundamento da teoria e do método geográfico." (MOREIRA, 1982:35/6)

O trabalho contém os tópicos ESPAÇO E MODO DE SOCIALIZAÇÃO DA NATUREZA, ARRANJO ESPACIAL E FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL, A DIALETICA DO ESPAÇO, O ESPAÇO DA DIALETICA, A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, O "ARRANJO ESPACIAL ECONÔMICO", O "ARRANJO ESPACIAL SUPERESTRUTURAL", O MÉTODO: DESCOBRIR VIA ARRANJO ESPACIAL O CICLO DO SOBRETALHO e A ANÁLISE GEOGRÁFICA: ARGÜIR A DIREÇÃO DAS DETERMINAÇÕES.

Para o autor, "o caminho seguro do método é o da imersão do arranjo espacial no jogo das suas determinações múltiplas, sobretudo as determinações de classe, para desvendar as contradições sociais que atuam como motor da história de cada formação econômico-social.

"Sendo o arranjo espacial a expressão fenomênica da estrutura da formação econômico-social, o conhecimento das contradições sociais que o regem em sua organização e movimentos nos põe no conhecimento da própria dialética da formação". (MOREIRA, 1982:49)

ROBERTO LOBATO CORRÊA apresenta o texto "REPENSANDO A TEORIA DAS LOCALIDADES CENTRAIS".

Diz o autor: "Este trabalho preocupa-se em repensar a teoria das localidades centrais através de cinco proposições, tendo o intuito de tentar superar dialeticamente a teoria em questão, ou seja, a partir de sua negação tentar recuperá-la, porém em nível mais elevado". (CORRÊA, 1982 b:51)

A seguir afirma: "A recuperação da teoria das localidades centrais é importante porque ela trata de um tema relevante que é o da organização espacial da distribuição de bens e serviços, portanto de um aspecto da produção e de sua projeção espacial, sendo assim uma faceta da totalidade social. Recuperá-la, porque se torna necessário enriquecer a visão geográfica da sociedade, isto é, enriquecer nossa compreensão sobre as diferentes formas de espacialização da sociedade". (CORRÊA, 1982 b:51)

O primeiro argumento é o de que "a emergência de uma rede hierarquizada e integrada nacionalmente de centros de distribuição varejista e de serviços, isto é, localidades centrais, se verifica com o capitalismo, com o domínio de um modo de produção onde o capital penetra na esfera da produção". (CORRÊA, 1982 b:52)

O segundo argumento é o de que "é através da rede hierarquizada de localidades centrais, isto é, das numerosas cristalizações materiais diferenciadas do processo de distribuição varejista e de serviços, que se realiza, em um amplo território sob o domínio do capitalismo, a articulação entre produção propriamente dita e consumo final". (CORRÊA, 1982 b:54)

O terceiro argumento é o de que "as redes de localidades centrais apresentam-se caracterizadas por arranjos estruturais e espaciais diversos". (CORRÊA, 1982 b:57)

O quarto argumento é o de que "a rede de localidades centrais constitui-se em uma cristalização material necessária, não apenas para a realização da acumulação e reprodução das diversas classes sociais, via distribuição conectando produção e consumo, mas também em uma cristalização onde se verifica a limitada produção industrial, para onde convergem fluxos vinculados a excedentes diversos que realimentam o processo produtivo global, onde se concretiza parcela ponderável do consumo final, e onde se exerce o controle da sociedade. Em resumo, a rede de localidades centrais constitui-se em uma estrutura territorial cuja análise possibilita a compreensão do sistema urbano de países não-industrializados ou onde a indus-

rialização se verifica espacialmente concentrada". (CORRÊA, 1982 b:62/3)

O quinto argumento "envolve a questão da conexão entre rede de localidades centrais e capitalismo monopolístico". (CORRÊA, 1982:63)

O autor termina seu texto afirmando que "a questão da teoria das localidades centrais e de seu repensar nos remete, em verdade, à questão de se pensar em uma outra teoria geográfica que esteja fundada nas relações entre sociedades historicamente determinadas e o espaço". (CORRÊA, 1982 b:65)

O texto de ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA, intitulado "ESPAÇO E TEMPO. COMPREENSÃO MATERIALISTA DIALÉTICA", destina-se a dar ao "espaço e tempo uma compreensão dialética", frente a afirmações pouco corretas que têm sido feitas.

Para isso o autor inicia seu trabalho com o item AVANÇAR É PRECISO... REFLETIR TAMBÉM, em que considera a preocupação "pura e simples" com a busca do objeto do conhecimento como uma postura positiva (OLIVEIRA, 1982 b:66). São feitas observações a propósito da negligência suposta de MARX em relação ao espaço. A proposta é, então, a de "colocar-nos frente a frente com a compreensão dialética materialista do espaço e tempo". (OLIVEIRA, 1982 b:68)

O item seguinte é A QUESTÃO DA DIVISÃO DO TRABALHO ACADÊMICO, em que o autor explica, com citações, a divisão do trabalho no capitalismo.

Seguem-se O ESPAÇO E O TEMPO E A LUTA TEÓRICA ENTRE O MATERIALISMO DIALÉTICO E O IDEALISMO, de crítica ao neopositivismo, com AS CONCEPÇÕES DO ESPAÇO E TEMPO SOB O MODO CAPITALISTA DE PENSAR, A QUESTÃO DA OBJETIVIDADE DO ESPAÇO E DO TEMPO, A QUESTÃO DO ESPAÇO COMO EXTENSÃO, O ESPAÇO COMO ORDEM, PRINCÍPIO E LEI DA COEXISTÊNCIA DOS FENÔMENOS, O TEMPO COMO DURAÇÃO, O TEMPO COMO LEI DE MUTAÇÃO DOS FENÔMENOS, A QUESTÃO DA INFINITUDE DO ESPAÇO E DO TEMPO e A QUESTÃO DA CONTINUIDADE E DA DESCONTINUIDADE DO ESPAÇO E DO TEMPO; A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DIALÉTICA DO ESPAÇO E DO

TEMPO, que expõe as concepções de Engels, Lenin e outros marxistas sobre a matéria, e que inclui O MATERIALISMO DIALÉTICO E A ESSÊNCIA (CONTRADITÓRIA) DO ESPAÇO E DO TEMPO, AS PARTICULARIDADES DO ESPAÇO E DO TEMPO, O MATERIALISMO DIALÉTICO E A NATUREZA INFINITA DO ESPAÇO E DO TEMPO, A CONTINUIDADE E A DESCONTINUIDADE DO ESPAÇO E DO TEMPO SOB O MATERIALISMO DIALÉTICO e O MATERIALISMO DIALÉTICO E A UNIDADE, DIVERSIDADE E INTERDEPENDÊNCIA DO ESPAÇO E DO TEMPO; ESPAÇO E TEMPO: A UNIDADE NA DIVERSIDADE, como texto final, que encaminha o trabalho para sua conclusão: "Tempo e espaço se acham, pois, indissolivelmente unidos ao movimento da matéria, ao movimento concebido no sentido materialista dialético, não como estados particulares de coisas ou fenômenos particulares, mas como forma universal de ser da matéria; acha-se igualmente unido ao movimento concebido como transformação, como desenvolvimento que inclui o nascimento do novo". (OLIVEIRA, 1982b:)

O texto de ANTONIO CARLOS ROBERT MORAES e WANDERLEY MESSIAS DA COSTA, "A GEOGRAFIA E O PROCESSO DE VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO", constata a "existência de uma profunda crise no interior do pensamento geográfico da atualidade" em DA GEOGRAFIA NOVA À GEOGRAFIA CRÍTICA, e afirma que "uma primeira divisão fundamental que pode ser efetuada no movimento de renovação do pensamento geográfico é entre a vertente que aponta para uma Geografia pragmática e a que busca construir uma Geografia crítica"; os autores entendem que "a adjetivação de *crítica* refere-se a uma postura frente ao real, mas também frente ao pensamento geográfico estabelecido". (MORAES e COSTA, 1982:111/3)

Na seqüência, DA GEOGRAFIA CRÍTICA À GEOGRAFIA MARXISTA, os autores mostram que a Geografia crítica apresenta "uma relativa unidade *ética*, porém instrumentalizada em diferentes *epistemologias*". (MORAES e COSTA, 1982:113)

Para eles, "a superação da crise implica (...) não apenas a constituição de uma Geografia Nova ou mesmo de uma Geografia crítica, mas a elaboração de uma Geografia marxista". (MORAES e COSTA, 1982:114)

ASSUMINDO UM PONTO DE PARTIDA implica a adoção do marxismo como método, fundado principalmente nas categorias trabalho e valor. (MORAES e COSTA, 1982:116)

ARTICULAÇÕES ENTRE O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO E O OBJETO DA GEOGRAFIA defende a reflexão teórica contra “procedimentos empíricos pseudo-rationais”.

O TERRITÓRIO E O VALOR reafirma teoria desenvolvida pelos autores, já citada, em que se tenta, dialeticamente, “expressar a essência do processo de valorização do espaço”. (MORAES e COSTA, 1982:122) Para eles, é preciso tomar “a formação dos territórios, enquanto processos atinentes ao homem e à natureza como formas específicas de criação do valor”; além disso, “as formas de criação do valor são determinadas historicamente, o que enseja uma periodização dos processos de formação territorial”. (MORAES e COSTA, 1982:122) A seguir, discorreu, principalmente, sobre renda da terra. Isto envolve aspectos como apropriação, transformação, construção, propriedade, domínio, exploração, circulação, expansão e concentração, sendo o referencial o modo de produção capitalista. (MORAES e COSTA, 1982:123/8)

A VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO COMO O OBJETO DA GEOGRAFIA MARXISTA é uma proposta de trabalho. Nesse caso, deve-se acrescentar que “pode-se depreender que a contribuição maior da Geografia para o entendimento da realidade está principalmente em sua grande capacidade de deslindar as particularidades”. (MORAES e COSTA, 1982:129)

Como dizem, ao final: “Por último, a articulação entre a proposta teórica apresentada, seu encaminhamento e concreção em estudos substantivos encontra fundamento não só no trabalho científico como no próprio movimento social. Conhecer a particularidade brasileira é pressuposto de qualquer política conseqüente. A Geografia pode auxiliar nesta tarefa”. (MORAES e COSTA, 1982: 130)

“ALGUNS PROBLEMAS ATUAIS DA CONTRIBUIÇÃO MARXISTA À GEOGRAFIA”, de MILTON SANTOS, é a discussão da possibilidade de uma Geografia marxista.

Em NECESSIDADE DO TRABALHO EMPÍRICO diz o autor: “O trabalho empírico é indispensável. Trata-se, de fato, de um trabalho teórico. É preciso ir recolher no real *o que ele é*, peça por peça, mecanismo por mecanismo, ilação por ilação, e desse conjunto das coisas e das relações que as animam, examinado à luz de conjuntos maiores, extrair significações que, sendo particulares ao ca-

so estudado, tragam igualmente, ainda que escolhida em seu bojo, uma dimensão universal e encerrem um germe ou uma promessa de abstração factualmente construída". (SANTOS, 1982 a:132)

Em A TEORIZAÇÃO COMO INCORPORAÇÃO RENOVADORA diz, falando de contribuições não-marxistas examinadas criticamente: "Esse instrumental crítico somente pode provir de um conhecimento abalizado das categorias e de um domínio igualmente assentado da história, sobretudo dos seus dados presentes". (SANTOS, 1982 a:132)

Depois de argumentar CONTRA O DOGMATISMO E CONTRA O CONGELAMENTO DOS CONCEITOS, MILTON SANTOS desenvolve O REAL-TOTAL COMO CATEGORIA ESSENCIAL, quando afirma: "A aplicação correta do método marxista à Geografia supõe que se parta do real para exorcizar todo risco de ceder à ideologia; que seja a totalidade o instrumento de conhecimento do real-individual-concreto, isto é, da coisa individual; que a dialética seja o meio de chegar à reconstrução da gênese e, desse modo, apontar para o futuro; que seja o contexto, e não as relações de causa e efeito, o guia na reconstituição da geração dos fenômenos; que tempo e espaço não apareçam como categorias isoladas, nem se separe a essência do processo da função e da forma". (SANTOS, 1982 a:135)

O autor termina seu artigo com FIM AO DISCURSO PELO DISCURSO. Para ele, "novas idéias são, de um lado, concreções abstratas das novas realidades, isto é, das realidades ou aparências empírica emergentes, isto é, um retrato da *atualidade*, e, de outro lado, para que tenham conteúdo científico e eficácia política, devem, obrigatoriamente, ser acompanhadas de instrumentos de trabalho elaborados no mesmo movimento revelador, isto é, devem indicar *claramente* a separação sistemática de categorias de análise aplicáveis empiricamente". (SANTOS, 1982 a:137)

3. A Revista do Departamento de Geografia da FFLCH da USP

Em 1982 foi editado o primeiro número.

"NATUREZA DO TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA HUMANA E SUAS LIMITAÇÕES", de ARMANDO CORRÊA DA SILVA, considera três modalidades deste trabalho: os trabalhos

analíticos empíricos, os trabalhos com enfoque lógico e a análise dialética epistemológica e ontológica". (SILVA, 1982 d:49)

Em UMA APRESENTAÇÃO DO TEMA são explicitados os conceitos de campo nas três modalidades. OS TRABALHOS ANALÍTICOS EMPÍRICOS define o método: "O método dos trabalhos analíticos empíricos é elaborado segundo a experiência, que constitui o parâmetro básico de julgamento" (SILVA, 1982 d:50). OS TRABALHOS COM ENFOQUE LÓGICO define o método: "O método dos trabalhos com enfoque lógico em Geografia Humana é uma decorrência da construção, matemática ou não, de modelos que representam uma realidade 'ideal' e que operam como hipóteses e teorias. Na sua construção, esses modelos recebem o tratamento do método científico — hipótese, observação, análise e generalização —, que permite a análise da realidade representada a partir desse recurso" (SILVA, 1982 d:50). A ANÁLISE DIALÉTICA EPISTEMOLÓGICA E ONTOLÓGICA tem um suposto: "Seu suposto é o de que é possível o conhecimento teórico do real a partir da apresentação das categorias básicas do ser". (SILVA, 1982 d:51)

A seguir o autor expõe A CATEGORIA ESPAÇO E SUA APREENSÃO NO PROCESSO DE TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA HUMANA: "O conceito de campo em Geografia Humana apresenta hoje uma dimensão de que devem dar conta as abordagens mencionadas: é que não existe Geografia sem teoria espacial consistente.

"Uma teoria espacial consistente só se põe para a análise deste que se disponha de um conceito a respeito da natureza do espaço.

"Esse conceito deve ser coerente ontológica e epistemologicamente, para que a praxis do geógrafo em Geografia Humana seja adequada". (SILVA, 1982 d:52)

O PLURALISMO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO HUMANO E O PROBLEMA DA INTERDISCIPLINARIDADE NO TRABALHO DE CAMPO, QUESTÕES SOBRE A UNIDADE DO CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA HUMANA NO QUE DIZ RESPEITO AO TRABALHO DE CAMPO, e O QUE É, ENTÃO, O TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA HUMANA? são os temas finais do autor.

4. "Pensando o Espaço do Homem"

Este livro de MILTON SANTOS apresenta como primeiro ensaio, O PRESENTE COMO ESPAÇO. Na introdução, afirma: "O atual é tanto mais difícil de aprender, nas fases em que a história se acelera, quanto nos arriscamos a confundir o real com aquilo que não o é mais". (SANTOS, 1982 b:10)

Em O ESPAÇO COMO PRESENTE diz: "Para apreender o presente, é imprescindível um esforço no sentido de voltar as costas, não ao passado, mas às categorias que ele nos legou. Conservar categorias envelhecidas equivale a erigir um dogma, um conceito. Em sendo histórico, todo conceito se esgota no tempo". (SANTOS, 1982 b:10)

Em O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO E A UNIVERSALIZAÇÃO DA SOCIEDADE o autor acentua o aspecto produtivo dos serviços na época das empresas multinacionais: "... a acumulação já não é exclusivamente dependente da produção, visto como o consumo se transformou num instrumento tão importante que ele próprio acarreta um processo de produção que se torna posteriormente autônomo". (...) "Atualmente, graças ao papel maior da ciência e da tecnologia, as atividades terciárias convertem-se na fonte essencial de dominação e de acumulação". (SANTOS, 1982 b:12)

Em O ESPAÇO GLOBAL afirma: "Com o advento de uma sociedade mundial, também o espaço se tornou mundial. Num mundo em que as determinações se verificam em escala internacional, num mundo universalizado, os acontecimentos são acompanhados direta ou indiretamente por forças mundiais. É a unidade dos acontecimentos e a cumplicidade das formas que perfazem a unidade do espaço. Pode-se dizer que o espaço atual é global". (SANTOS, 1982 b:16)

Em ALIENAÇÃO DO ESPAÇO DO HOMEM, MILTON SANTOS observa que a comercialização mundial do homem e do espaço produzem e reproduzem sua alienação.

Em O ESPAÇO QUE UNE E QUE SEPARA, o autor mostra que, enquanto o espaço se torna global, os homens estão cada vez mais isolados uns dos outros: "O espaço que, *para* o processo produtivo, une os homens, é o espaço que, *por* esse mesmo processo produtivo, os separa". (SANTOS, 1982 b:22)

Em *DA APARÊNCIA À ESSÊNCIA*, afirma: "O objeto possui duas faces: a verdadeira, que não se entrega diretamente ao observador, e a face visível, amoldada pela ideologia". (pág. 23). "A própria ideologia é objetiva, dissimulando o real e tentando impor-lhe a sua significação no momento crucial da objetivação da totalidade". (SANTOS, 1982 b:24)

Em *UM ESPAÇO PARA O HOMEM*, por fim, o autor diz: "Para desmistificar o espaço, cumpre levar em conta dois lados essenciais: de um lado a paisagem, funcionalização da estrutura técnico-produtiva e lugar da fetichização; do outro, a sociedade total, a formação social que anima o espaço. Por conseguinte, cabe-nos também desmistificar o homem". (SANTOS, 1982: b:25)

O segundo ensaio intitula-se *DA SOCIEDADE A PAISAGEM: O SIGNIFICADO DO ESPAÇO DO HOMEM*.

Na introdução, diz MILTON SANTOS: "Considerada em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção". (SANTOS, 1982 b:38)

Em *ESPAÇO: FORMA, ESTRUTURA, FUNÇÃO*, afirma: "Os movimentos da totalidade social, modificando as relações entre os componentes da sociedade, alteram os processos, incitam a novas funções. Do mesmo modo, as formas geográficas se alteram ou mudam de valor; e o espaço se modifica para atender às transformações da sociedade". (SANTOS, 1982 b:38)

Em *FORMA DE FUNCIONAMENTO DA TOTALIDADE*, diz: "A totalidade, que supõe um movimento comum da estrutura, da função e da forma, é dialética e concreta. Para estudá-la, é preciso levar-se em consideração todas as estruturas que a formam e que, em conjunto ou isoladamente, a reproduzem. Essas estruturas, bem como a totalidade, não são fixas, pois evoluem no tempo". (SANTOS, 1982 b:39)

Em *O SIGNIFICADO DO ESPAÇO*, MILTON SANTOS afirma: "Para interpretar corretamente o espaço, é preciso descobrir e afastar todos os símbolos destinados a fazer sombra à nossa capacidade

de apreensão da realidade. Isto quer dizer que não é suficiente tentar interpretar diretamente a paisagem nos seus movimentos nem trabalhar exclusivamente sobre os elementos que a compõem". (SANTOS, 1982 b:41)

Em PROPONDO UMA EPISTEMOLOGIA DO ESPAÇO, diz finalizando o ensaio: "Digamos que a sociedade produz a paisagem, mas que isso jamais ocorre sem mediação. É por isso que, ao lado das formas *geográficas* e da *estrutura social*, devemos também considerar as funções e os processos que, através de funções, levam a energia social a transmutar-se em formas". (SANTOS, 1982 b:42)

O último ensaio intitula-se REFORMULANDO A ECONOMIA, A SOCIEDADE E O ESPAÇO. Nele afirma MILTON SANTOS: "Uma mudança radical na organização atual do espaço só é possível em duas hipóteses: 1) com a modificação da natureza das relações do Estado com o sistema internacional; 2) com a mudança do próprio sistema internacional". (SANTOS, 1982 b:47)

Em UTOPIA OU POSSIBILIDADE REAL,, o autor pergunta "Estaremos em via de deixar o *período tecnológico* para entrar em um outro *período histórico*? Tudo parece indicar que sim, mesmo não se estando seguro de que a crise atual será imediatamente fatal ao sistema capitalista em sua forma atual". (SANTOS, 1982 b:48)

Em MUDAR OS MODELOS DE CRESCIMENTO, o autor argumenta com a modificação da atual estrutura da produção.

Em DOS FLUXOS AOS ESTOQUES, MILTON SANTOS argumenta: "Não basta, porém, desejar a mudança da estrutura da produção e do consumo sem substituir a economia de fluxos atualmente reinante por uma economia de estoques". (SANTOS, 1982 b:51)

Em ESPAÇO E TRANSIÇÃO, afirma: "Em um período de transição, não se pode esperar o desaparecimento de todos os comportamentos econômicos herdados do passado recente. A velha estrutura da economia pode ainda exercer um papel decisivo, sobretudo nos casos em que o novo aparelho do Estado ainda não tem um controle completo sobre um grande número de agentes". (SANTOS, 1982 b:55)

Em A CAMINHO DE UMA NOVA PLANIFICAÇÃO DO ESPAÇO, argumenta o autor: "Uma economia mais voltada para dentro liberaria cada homem e o país inteiro das múltiplas formas de

dependência: econômica, técnica, cultural. Isto permitiria uma política autêntica de pólos de desenvolvimento econômico e social. Trata-se aqui de encontrar uma divisão interna do trabalho que não seja espoliativa, quer dizer, em que as desigualdades regionais, e qualquer outra desigualdade econômica, social, cívica, não sejam um resultado das condições do aparelho técnico-productivo". (SANTOS, 1982 b:57)

Em UM NOVO PAPEL PARA AS FORMAS ESPACIAIS, MILTON SANTOS diz: "Nosso problema teórico e prático é o de reconstruir o espaço para que não seja o veículo de desigualdades sociais e, ao mesmo tempo, reconstruir a sociedade para que não crie ou preserve desigualdades sociais". (SANTOS, 1982 b:58)

Em UM ESPAÇO PARA O HOMEM, por fim, diz o autor: "Em nossos dias o espaço é apropriado ou, ao menos, comandado segundo leis mundiais. Desde que ele possa encontrar leis de funcionamento na escala das sociedades interessadas, as formas de evolução serão completamente diferentes, assim como diversas as possibilidades de planificação". (SANTOS, 1982 b:61)

5. O 5º Encontro Nacional dos Geógrafos em Porto Alegre

O 5º Encontro Nacional dos Geógrafos, realizado em Porto Alegre, representou um momento de preocupação com estudos concretos, mais do que com a reflexão teórica. Uma exceção é o trabalho de MILTON SANTOS intitulado "O ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO CATEGORIA FILOSÓFICA".

Inicialmente afirma que "o espaço dispõe de uma ordem e esta ordem não é natural, não é a ordem da coisa visível, em que tem um valor supostamente definitivo, como às vezes se atribuiu aos fatos naturais. Estaríamos fora da medida histórica. A ordem do espaço é social". (SANTOS, 1982 c:43)

Em SER E EXISTÊNCIA, SOCIEDADE E ESPAÇO o ser é considerado como sendo dependente da forma, não existindo como "independência de conteúdo".

Em UMA FENOMENOLOGIA DO ESPAÇO? o autor diz: "O movimento do espaço, isto é, sua transformação, constitui, na realidade, uma modalidade de transformação do um na multiplicidade, quer dizer, da sociedade global, objeto real mas abstrato, em objetivos concretos, que são o fruto de sua própria determinação". (SANTOS, 1982 c:45)

Em O ESPAÇO COMO CATEGORIA FILOSÓFICA, MILTON SANTOS argumenta: "O espaço, resultado da produção, e cuja evolução é consequência das transformações do processo produtivo em seus aspectos materiais ou imateriais, é a expressão literal e também mais extensa dessa práxis humana sem cuja ajuda a existência não pode ser entendida". (SANTOS, 1982 c:50)

6. A Conferência Regional Latino-Americano da UGI

Dois trabalhos têm que ser referidos: "SPACE AS A CATEGORY OF ANALYSIS", de ARMANDO CORRÊA DA SILVA, e "O ESPAÇO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE", de WANDERLEY MESSIAS DA COSTA, ambos apresentados à mesa-redonda do mesmo nome.

ARMANDO CORRÊA DA SILVA, inicialmente, supõe que "a realidade mostra a si mesma por meio de formas e fenômenos". O autor assume a posição segundo a qual "as formas são o modo de existência dos fenômenos". (SILVA, 1982 e:1) Em segundo lugar, afirma que as formas podem ser empíricas ou teóricas.

O autor examina três fenômenos, a saber: o espaço em si, o espaço de ocorrência e o espaço de manifestação. "Suas formas teóricas são o espaço de produção, o espaço de circulação, o espaço efetivo, o espaço potencial, o espaço a ser produzido, o espaço em produção e o espaço das relações de produção. (SILVA, 1982 e:1)

Estas suposições são examinadas em relação à reprodução simples do espaço, sua reprodução ampliada e sua reprodução ampliada composta.

WANDERLEY MESSIAS DA COSTA, inicialmente, argumenta com as dificuldades de tratar o espaço epistemologicamente e semanticamente, antes de tentar dar dele uma dimensão ontológica.

Em O ESPAÇO NA RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO: INTUIÇÃO E REALIDADE o autor trata das formulações de KANT, de HARTMANN e diz: "Em primeiro lugar, se a via é a da construção do conhecimento, o espaço não pode ser considerado como uma categoria de análise, pois ele não é uma categoria do entendimento, mas uma forma de percepção ou uma intuição pura. Em seguida, que o fato dele pertencer ao sujeito (intuição) não significa, por excludên-

cia, que a análise categorial do espaço real não possa ser realizada, pois o espaço possui concretude no mundo exterior ao sujeito, sendo mesmo uma propriedade das coisas. Finalmente, que o espaço é, simultânea e contraditoriamente, intuição e realidade". (COSTA, 1982: 7)

Em A SUBJETIVIDADE DO ESPAÇO OU O ESPAÇO DA INTUIÇÃO, WANDERLEY MESSIAS DA COSTA examina as formulações de PAUL CLAVAL, BETTANINI e HARVEY. Sobre essa Geografia afirma: "Em essência, a chamada Geografia da Percepção, ao valorizar a capacidade intuitiva do sujeito, nada mais faz do que deslocar o foco da análise das coisas em si para *as formas que as coisas em si assumem para a consciência humana*, processo este mediado pela cultura". (COSTA, 1982:10)

Em A OBJETIVIDADE DO ESPAÇO: O ESPAÇO REAL, o autor diz: "A idéia de espaço real é freqüentemente confundida com a de espaço concreto. O equívoco resulta de uma não-distinção entre a espacialidade em geral, enquanto propriedade das coisas, e as formas espaciais assumidas pelas coisas". (COSTA, 1982:10)

Para o autor, não existem processos espaciais, mas "processos naturais e sociais inscritos nas coisas em sua forma espacial". (COSTA, 1982:11)

A seguir axamina formulações de PIERRE GEORGE, DURKHEIM, LOBATO CORRÊA, KAREL KOKIK, DAVID HARVEY e MILTON SANTOS.

Em O ESPAÇO É UMA CATEGORIA REAL, MAS NÃO É UMA CATEGORIA ANALÍTICA, argumenta com a distinção, finalizando como segue: "A relação entre a sociedade historicamente concreta e o espaço socialmente determinado, só pode ser explicitada se considerados ambos em seu movimento histórico permanente". (COSTA, 1982:16)

1983: FILOSOFIA E GEOGRAFIA

O ano de 1983 assistiu a apenas um acontecimento significativo para a consideração das Geografias críticas e radical.

1. O Seminário do Rio de Janeiro

O Seminário FILOSOFIA E GEOGRAFIA realizou-se no Rio de Janeiro. Nele foram apresentados vários trabalhos em três mesas-redondas.

A primeira mesa-redonda discutiu o tema O PROBLEMA DAS CATEGORIAS.

ARMANDO CORRÊA DA SILVA apresentou o trabalho intitulado "AS CATEGORIAS COMO FUNDAMENTOS DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO".

Inicialmente, discute se as categorias são entes lógicos ou ontológicos, optando pela segunda hipótese, pois ela "implica a consideração do primado da existência sobre a consciência". (SILVA, 1983:1)

As categorias são, no princípio da reflexão, universais abstratos, que se transformam em universais concretos, sendo que o trabalho é o instrumento dessa transformação.

As categorias filosóficas são as mais gerais que existem e elas determinam o conteúdo dos conceitos, que são diferentes das definições.

As categorias científicas são mais concretas do que as categorias filosóficas porque são mais particulares.

Em AS CATEGORIAS EM GEOGRAFIA o autor adota um critério ontológico-genético, identificando várias categorias no processo de constituição dessa disciplina. São elas: espaço, lugar, área, região, território, habitat, paisagem e população. "De todas, a mais geral, e que inclui as outras, é o espaço". (SILVA, 1983:4)

Depois, refere-se às categorias: trabalho, valor, o social, o físico, forma social, forma espacial, dependência, subdesenvolvimento, centro, periferia, formação.

ARIOVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA apresentou o trabalho intitulado "AS CATEGORIAS DO MATERIALISMO DIALÉTICO: UMA APROXIMAÇÃO".

Em primeiro lugar, o autor fala do método dialético e do uso idealista do marxismo: "Ou seja, é preciso que fique definitivamente

claro que a *prática* é a origem e o fim do processo de conhecimento nessa perspectiva". (OLIVEIRA, 1983:3)

A seguir enfatiza a dimensão da totalidade, quando identifica as categorias fundamentais do método dialético: matéria, movimento, espaço e tempo.

O argumento seguinte apoia-se na noção de leis do marxismo, "que antes de tudo têm que ser compreendidas como *relação*, como uma *conexão* estável, repetida entre objetos (ou aspectos destes objetos) que se desenvolvem". (OLIVEIRA, 1983:3)

A seguir examina "os contrários", "a quantidade e a qualidade", "o velho e o novo" e "a negação".

É quando conceitua categorias: "São elementos que refletem os traços, os aspectos e as propriedades mais gerais da realidade". (OLIVEIRA, 1983:8)

Além das já mencionadas, o autor fala ainda das categorias singular, particular e geral, conteúdo e forma, essência e fenômeno, causa e efeito, necessidade e causalidade, possibilidade e realidade.

A segunda mesa-redonda discutiu o tema EPISTEMOLOGIA E GEOGRAFIA.

Não cabe aqui, evidentemente, a resenha dos trabalhos apresentados.

A terceira mesa-redonda discutiu o tema DIALÉTICA E GEOGRAFIA.

WANDERLEY MESSIAS DA COSTA apresentou o trabalho intitulado "A DIALÉTICA E A SUA INTRODUÇÃO NA GEOGRAFIA".

Inicialmente explicita os parâmetros de seu raciocínio.

Em BREVE RESUMÓ SOBRE AS ORIGENS DA DIALÉTICA considera o pensamento grego.

Em KANT E A DIALÉTICA TRANSCENDENTAL discorre sobre o raciocínio dialético na concepção desse filósofo: "Ele a entende

como uma lógica da ilusão ou da aparência, que se manifesta ao nível da razão pura, circunscrita ao processo do conhecimento". (COSTA, 1983:8)

Em HEGEL E A DIALÉTICA: O SER COMO IDÉIA, A CONTRADIÇÃO E O MOVIMENTO, WANDERLEY MESSIAS DA COSTA informa e comenta esse filósofo e sua concepção da dialética.

Em MARX, ENGELS E O MATERIALISMO DIALÉTICO, o autor continua desenvolvendo seu pensamento e historia a questão da dialética nas fontes originais do marxismo.

Em A DIALÉTICA E A POSSIBILIDADE DA TEORIA EM GEOGRAFIA afirma: "A introdução do método dialético na Geografia implica a alteração de alguns pressupostos ontológicos e metodológicos, sem os quais ele tornar-se-á uma 'lógica espacial' a mais, incapaz de captar o movimento próprio do ser e mudar radicalmente o modo de pensar". (COSTA, 1983:24)

Em seguida, indica que se devem tomar, "no lugar da 'diferenciação espacial' da 'organização do espaço' etc., os *processos* de *construção* do espaço social, de *valorização* do espaço social. Trata-se, em qualquer das formulações, de reconhecer a existência real de uma *espacialidade* contida nos processos reais, de *descoisificar* o espaço, de vitalizá-lo com o sopro do movimento histórico". (COSTA, 1983:27)

* *

Ao final desta resenha das contribuições que se orientam no sentido de uma Geografia crítica ou radical, é preciso insistir em que apenas foram considerados os trabalhos que apontam em uma direção de construção teórica da Geografia renovada, no período 1976/1983.

II. PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

O material apresentado na primeira parte corresponde a 71 textos, entre livros e ensaios. Todos foram selecionados por sua relevância em relação à construção da teoria em Geografia. De sua análise resultou o afloramento de três questões, que são agora consideradas.

1. A Questão das Categorias

Um balanço quantitativo das resenhas, segundo o critério de importância para a construção da teoria, revelou o seguinte:

Presença das Categorias na Linguagem

O SER SOCIAL

	Nº absoluto	%
Sociedade	26	3,32
Classes Sociais	8	1,03
Homem	7	0,90
Forças Produtivas	5	0,65
Burguesia	3	0,39
Trabalhador (Proletário)	3	0,39
Humanidade	1	0,13
Sujeito	1	0,13
Ser Social	1	0,13
Vida Humana	1	0,13
População	1	0,13

A PRÁXIS HUMANA

Trabalho	20	2,55
Prática	10	1,28
Urbanização	5	0,65
Práxis	5	0,65
Luta de Classes	4	0,52
Terciarização	2	0,26
Prática Teórica	2	0,26
Ação	2	0,26
Prática Social	1	0,13
Planificação	1	0,13
Industrialização	1	0,13
Planejamento	1	0,13
Planificação Regional	1	0,13
Planificação Urbana	1	0,13
Trabalho Social	1	0,13
Movimentos Sociais	1	0,13

Presença das Categorias na Linguagem

	Nº absoluto	%
<i>CRIAÇÃO DE VALOR</i>		
Valor	14	1,80
Valor do Espaço	6	0,78
Valor no Espaço	3	0,39
Valorização do Espaço	2	0,26
<i>CATEGORIAS GERAIS DE APREENSÃO DO OBJETO E DO MÉTODO</i>		
Forma	24	3,07
Processo	19	2,44
Relação	13	1,67
Determinação	7	0,90
Movimento	6	0,78
Objeto	5	0,65
Essência	4	0,52
Tempo	4	0,52
Particularidade	4	0,52
Matéria	3	0,39
Novo	3	0,39
Devir	3	0,39
Conteúdo	3	0,39
Singular	3	0,39
Causalidade	2	0,26
Velho	2	0,26
Verdade	2	0,26
Fenômeno	2	0,26
Contradição	2	0,26
Unidade	2	0,26
Momento	2	0,26
Finalidade	1	0,13
Diversidade	1	0,13
Concreto	1	0,13
Abstrato	1	0,13
Universalidade	1	0,13
Necessidade	1	0,13
Possibilidade	1	0,13
Causa	1	0,13
Efeito	1	0,13
Quantidade	1	0,13

Presença das Categorias na Linguagem

	Nº absoluto	%
Qualidade	1	0,13
Negação	1	0,13
CATEGORIAS DE APREENSÃO DO SUJEITO		
Teoria	18	2,29
Ideologia	14	1,80
Linguagem	5	0,65
Conhecimento	4	0,52
Conhecimento científico	4	0,52
Discurso	3	0,39
Consciência teórica	1	0,13
Consciência do espaço	1	0,13
Consciência	1	0,13
Sujeito	1	0,13
Teoria prática	1	0,13
MÉTODO		
Método	12	1,54
Análise espacial	2	0,26
Método marxista	1	0,13
Análise histórica	1	0,13
Análise morfológica	1	0,13
Método científico	1	0,13
Análise política	1	0,13
APREENSÃO DO TODO		
Real	20	2,55
Totalidade	17	2,19
Natureza	16	2,06
Ser	4	0,52
Mundo	2	0,26
APREENSÃO DO ESPAÇO		
Espaço	63	8,10
Espaço Geográfico	12	1,54
Arranjo espacial	8	1,03

Presença das Categorias na Linguagem

	Nº absoluto	%
Paisagem	7	0,90
Forma Espacial	6	0,78
Lugar	5	0,65
Formação Espacial	4	0,52
Região	4	0,52
Área	3	0,39
Organização espacial	3	0,39
Espaço social	3	0,39
Espaço nacional	3	0,39
Espaço produzido	3	0,39
Localização	3	0,39
Descentralização	3	0,39
Meio	3	0,39
Formação territorial	3	0,39
Espaço concreto	2	0,26
Organização do espaço	2	0,26
Distância	2	0,26
Situação	2	0,26
Concentração	2	0,26
Periferia	2	0,26
Território	2	0,26
Pólo	2	0,26
Espaço real	1	0,13
Arranjo do espaço	1	0,13
Espaço-tempo	1	0,13
Espaço natural	1	0,13
Espaço a produzir	1	0,13
Espaço em produção	1	0,13
Espaço existente	1	0,13
Espaço global	1	0,13
Posição	1	0,13
Sítio	1	0,13
Divisão espacial da produção	1	0,13
Espaço capitalista	1	0,13
Objeto espacial	1	0,13
Domínio territorial	1	0,13
Produção do espaço	1	0,13
Realidade espacial	1	0,13
Centro	1	0,13
Meio físico	1	0,13

Presença das Categorias na Linguagem

	Nº absoluto	%
Extensão	1	0,13
Fronteira	1	0,13
Límite	1	0,13
Polarização	1	0,13
Desconcentração	1	0,13
Desconcentração concentradora	1	0,13

CATEGORIAS PARTICULARES DE APREENSÃO DO OBJETO E DO METODO

Formação Econômico-Social	15	1,93
Modo de produção	14	1,80
Capitalismo	11	1,41
Produção	8	1,03
Formação Social	7	0,90
Mercadoria	7	
País subdesenvolvido	6	0,78
Função	6	0,78
Capital	5	0,65
Estado-Nação	5	0,65
Consumo	4	0,52
Produto	4	0,52
Cidade	4	0,52
Preço	4	0,52
Urbano	4	0,52
Estado	3	0,39
Subdesenvolvimento	3	0,39
Período Tecnológico	3	0,39
Socialismo	3	0,39
Terceiro Mundo	3	0,39
Campo	3	0,39
Desenvolvimento	2	0,26
Processo produtivo	2	0,26
Democracia	2	0,26
Relações de Classes	2	0,26
Política	2	0,26
Relações Sociais	2	0,26
Reprodução	2	0,26
Instância	2	0,26
Lei	2	0,26
Marginalidade	2	0,26

Presença das Categorias na Linguagem

	Nº absoluto	%
País	2	0,26
Economia Urbana	2	0,26
Crise	2	0,26
Valor de uso	2	0,26
Valor de troca	2	0,26
Fenômeno urbano	2	0,26
Cidade local	2	0,26
Ecologia	2	0,26
Posição de classe	2	0,26
Poder	2	0,26
Processo social	2	0,26
Apropriação	1	0,13
Renda da terra	1	0,13
Momento histórico	1	0,13
Superação histórica	1	0,13
Divisão intelectual do trabalho	1	0,13
Anarquismo	1	0,13
Contradição social	1	0,13
Cotidiano	1	0,13
Futuro	1	0,13
Planejamento	1	0,13
Justiça social	1	0,13
Relação de produção	1	0,13
Opressão	1	0,13
Transformação	1	0,13
Modo	1	0,13
Natureza em si	1	0,13
História natural	1	0,13
Fato	1	0,13
Materialidade	1	0,13
Mundo externo	1	0,13
Divisão do trabalho social	1	0,13
Período	1	0,13
Desenvolvimento econômico	1	0,13
Unidade geográfica	1	0,13
Sistema nacional	1	0,13
Pobreza	1	0,13
Imperialismo	1	0,13
Divisão internacional do trabalho	1	0,13
Divisão interna do trabalho	1	0,13
Progresso tecnológico	1	0,13

Presença das Categorias na Linguagem

	Nº absoluto	%
Explosão demográfica	1	0,13
Concentração urbana	1	0,13
Instância física	1	0,13
Leis sociais	1	0,13
Leis naturais	1	0,13
Transformação	1	0,13
Elemento	1	0,13
Renda	1	0,13
Custo	1	0,13
Recurso	1	0,13
Renda diferencial	1	0,13
Renda de monopólio	1	0,13
Renda absoluta	1	0,13
Capital-terra	1	0,13
Uso da terra	1	0,13
Divisão do trabalho	1	0,13
Organização	1	0,13
Formação	1	0,13
Alienação	1	0,13
Produção capitalista	1	0,13
Modo de produção capitalista	1	0,13
Arranjo	1	0,13
Condições históricas	1	0,13
Acumulação	1	0,13
Parte	1	0,13
Hegemonia	1	0,13
TOTAL GERAL	773	100,00

As categorias mais utilizadas pelos geógrafos críticos e radicais em sua linguagem (até cinco ocorrências) — nesta amostra — são as seguintes: sociedade, classes sociais, homem, forças produtivas, trabalho, prática, urbanização, práxis, valor, valor do espaço, forma, processo, relação, determinação, movimento, objeto, teoria, ideologia, linguagem, método, real, totalidade, natureza, espaço, espaço geográfico, arranjo espacial, paisagem, forma espacial, lugar, formação econômico-social, modo de produção, capitalismo, produção, formação social, mercadoria, país subdesenvolvido, função, capital e Estado-Nação.

No total, as categorias utilizadas pertencem principalmente ao marxismo, mas existem também categorias do liberalismo, do positi-

vismo, do neopositivismo, do empirismo, do funcionamento, do estruturalismo, do naturalismo e do existencialismo.

A situação do discurso crítico radical é, então, a de uma frente ideológica polarizada pelas categorias do materialismo histórico e dialético.

No entanto, grande parte dessas categorias são ainda utilizadas apenas como *forma de definir uma linguagem*, mais própria dos geógrafos humanos do que dos geógrafos físicos, apesar da maior preocupação com o objeto do que com o sujeito.

Verifica-se, por isso, uma incidência da "crise da Geografia" mais sobre o discurso que a define como ciência social do que como geociência.

2. A Questão do Sujeito

Esta parece ser a primeira grande questão das Geografia crítica e radical, no momento.

Teoria, ideologia, linguagem, conhecimento científico, consciência do espaço e teoria prática perfazem 43 ocorrências, enquanto conhecimento, discurso, consciência teórica, consciência e sujeito perfazem apenas 10 ocorrências.

A luta pelo restabelecimento da legitimidade da teoria em Geografia, contra o empirismo generalizado, predominante até recentemente, foi um momento necessário da práxis dos geógrafos críticos e radicais.

O resultado, no entanto, foi o aparecimento da preocupação com a ideologia em duas vertentes: "todo o discurso é ideológico" (a ideologia como atributo do conhecimento) e "só é ideologia a falsa consciência" (a ideologia não é um atributo do conhecimento, mas, ao contrário, precisa ser combatida, para que se ponha o verdadeiro conhecimento).

Tudo se passa ainda, por isso, no plano da linguagem: não são combatidos os adversários, mesmo que estejam errados, porque se deve, antes de tudo, preservar aquela situação de frente ideológica.

Do mesmo modo, os aliados são identificados apenas pela opinião, no momento em que explicitam sua linguagem.

3. A Questão Política

A segunda questão que enfrentam os geógrafos críticos e radicais é, talvez, mais importante que a primeira, pois pode ajudar a encaminhar à sua solução. É a questão política.

Existem, nesse caso, uma questão política interna à Geografia e uma questão política externa a ela.

A questão política interna depende, para sua solução, da identificação clara dos meios e fins de que lançam mão os geógrafos para definir suas posições no campo do conhecimento e de suas relações profissionais e pessoais. Há, então, problemas específicos a serem resolvidos, alguns dos quais dependem apenas deles, do seu esforço e capacidade, como o de estabelecer um consenso em torno do significado político dos vários discursos existentes.

A atual situação de democracia, conseguida entre os geógrafos a partir do ano de 1978 (como se viu antes), deve ser preservada e ampliada, tendo como parâmetro principal o respeito ao direito de expressão do pensamento, sem que isto signifique conciliação com o erro.

A questão política externa (e ambas se permeiam atualmente) depende, para sua solução, da identificação precisa do papel do geógrafo na sociedade. Isto é, seu discurso (e seu trabalho) precisa ser ouvido e respeitado.

A atual situação de democracia do país, conseguida pelo povo brasileiro recentemente, tendo como contrapartida a abertura propiciada pelo Governo Federal, contou com a participação de inúmeros geógrafos. É preciso ampliar e aprofundar essa participação, no caminho da unidade de todos os segmentos de intelectuais e dos geógrafos como cidadãos, na perspectiva da solução dos problemas gerais e particulares do país.

A Geografia não tem por que continuar a ser um "pequeno mundo" no qual vivem apenas professores, geógrafos profissionais e estudantes, olhando circunspectos e orgulhosos o seu próprio umbigo.

ADAS, M. (1977) "Geografia e Tecnoburocracia", Boletim Paulista de Geografia, nº 53, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Regional de São Paulo, São Paulo.

- BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA (1976) "Por que Mudar?", Editorial do BPG, nº 51, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Regional de São Paulo, São Paulo.
- CARLOS, A.F.A. (1979) Reflexões sobre o Espaço Geográfico, Edição da Autora, D.G. da FFLCH da USP, São Paulo.
- CARLOS, A.F.A. (e) LENCIONI, S. (1982 a) "Alguns Elementos para a Discussão do Espaço Geográfico como Mercadoria", Borrador, nº 1, Teoria e Método da Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo.
- CARLOS, A.F.A. (e) LENCIONI, S. (1982 b) "A Categoria Formação Econômica da Sociedade", na Análise Geográfica, Borrador nº 1, Teoria e Método da Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo.
- CARLOS, A.F.A. (e) LENCIONI, S. (1980) "A Apropriação Capitalista do Espaço Geográfico", 4º Encontro Nacional dos Geógrafos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro.
- CARLOS, A.F.A. (1980) "A Consciência da Crise", 4º Encontro Nacional dos Geógrafos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro.
- CORRÊA, R.L. (1980 a) "Da 'Nova Geografia' à 'Geografia Nova'", Geografia e Sociedade, Vozes, Petrópolis.
- CORRÊA, R.L. (1980 b) "Geografia Brasileira: Crise e Renovação", 4º Encontro Nacional dos Geógrafos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro.
- CORRÊA, R.L. (1982 a) "O Espaço Geográfico: Algumas Considerações", Novos Rumos da Geografia Brasileira, Hucitec, São Paulo.
- CORRÊA, R.L. (1982 b) "Repensando a Teoria das Localidades Centrais", Novos Rumos da Geografia Brasileira, Hucitec, São Paulo.
- COSTA, W.M. da (1982 a) "A Geografia frente aos Métodos das Ciências Sociais", Borrador, nº 1, Teoria e Método da Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo.
- COSTA, W.M. da (1982 b) "O Espaço como Categoria de Análise", Conferência Regional Latino-Americana da UGI, UGI, Rio de Janeiro.
- COSTA W.M. da (1983) "A Dialética e Sua Introdução na Geografia", Seminário FILOSOFIA E GEOGRAFIA, AGB-Rio, Rio de Janeiro.
- GONÇALVES, C.W.P. (1980) "Notas para uma Interpretação Não-Ecológica do Problema Ecológico", 4º Encontro Nacional dos Geógrafos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro.
- GONÇALVES, C.W.P. (1982) "A Geografia Está em Crise. Viva a Geografia!", Geografia: Teoria e Crítica. O Saber Posto em Questão, Editora Vozes, Petrópolis.
- MORAES, A.C.R. (e) COSTA, W.M. da (1979) "Valor, Espaço e a Questão do Método", Temas de Ciências Humanas, nº 5, Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., São Paulo.

- MORAES, A.C.R. (1979) "Em Busca da Ontologia do Espaço", Território Livre, nº 1, UPEGE, São Paulo.
- MORAES, A.C.R. (1982) "A Geografia Tradicional e Sua Renovação", Borrador, nº 1, Teoria e Método da Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo.
- MORAES, A.C.R. (1980) "A Geografia Tradicional e Sua Renovação", 4º Encontro Nacional dos Geógrafos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro.
- MORAES, A.C.R. (1981) Geografia, Pequena História Crítica, Editora Hucitec, São Paulo.
- MORAES, A.C.R. (e) COSTA, W.M. da (1982) "A Geografia e o Processo de Valorização do Espaço", Novos Rumos da Geografia Brasileira, Hucitec, São Paulo.
- MOREIRA, R. (1979) "A Geografia Serve para Desvendar Máscaras Sociais (ou para Repensar a Geografia)", Território Livre, nº 1, UPEGE, São Paulo.
- MOREIRA, R. (1980 a) "Geografia e 'Práxis': Algumas Questões", Geografia e Sociedade, Editora Vozes, Petrópolis.
- MOREIRA, R. (1980 b) "Geografia, Ecologia, Ideologia: a 'Totalidade Homem-Meio' Hoje", 4º Encontro Nacional dos Geógrafos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro.
- MOREIRA, R. (1982) "Repensando a Geografia", Novos Rumos da Geografia Brasileira, Hucitec, São Paulo.
- MARTIN, A.R. (1982) "Problemas de Abordagem no Estudo Geográfico do Fenômeno Urbano", Borrador, nº 1, Teoria e Método da Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo.
- OLIVEIRA, A.U. de (1979) "É Possível uma 'Geografia Libertadora' ou Será Necessário Partirmos para uma Práxis Transformadora?", Território Livre, nº 1, UPEGE, São Paulo.
- OLIVEIRA, A.U. de (1980) "A Questão Agrária", 4º Encontro Nacional dos Geógrafos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, A.U. de (1982 a) "O 'Econômico' na Obra *Geografia Econômica* de Pierre George: Elementos para uma Discussão", Geografia: Teoria e Crítica. O Saber Posto em Questão, Editora Vozes, Petrópolis.
- OLIVEIRA, A.U. de (1982 b) "Espaço e Tempo. Compreensão Materialista e Dialética", Novos Rumos da Geografia Brasileira, Hucitec, São Paulo.

- OLIVEIRA, A.U. de (1983) "As Categorias do Materialismo Dialético: uma Aproximação", Seminário FILOSOFIA E GEOGRAFIA, AGB-Rio, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, J.M. de (1980) "Reverendo Criticamente a Geografia", Geografia e Sociedade, Editora Vozes, Petrópolis.
- SANTOS, M. (1977 a) "Desenvolvimento Econômico e Urbanização em Países Subdesenvolvidos: os Dois Sistemas de Fluxos da Economia Urbana e Suas Implicações Espaciais", Boletim Paulista de Geografia, nº 53, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Regional de São Paulo, São Paulo.
- SANTOS, M. (1978) Por uma Geografia Nova, Editora Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SANTOS, M. (1977 b) "Sociedade e Espaço: a Formação Social como Teoria e como Método", Boletim Paulista de Geografia, nº 54, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Regional de São Paulo, São Paulo.
- SANTOS, M. (1979) Espaço e Sociedade, Editora Vozes Ltda., Petrópolis.
- SANTOS, M. (1980 a) "Geografia, Marxismo e Subdesenvolvimento", Reflexões sobre a Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção de São Paulo, São Paulo.
- SANTOS, M. (1980 b) "Reformulando a Sociedade e o Espaço", Geografia e Sociedade, Editora Vozes, Petrópolis.
- SANTOS, M. (1982 a) "Alguns Problemas Atuais da Contribuição Marxista à Geografia", Novos Rumos da Geografia Brasileira, Hucitec, São Paulo.
- SANTOS, M. (1982 b) Pensando o Espaço do Homem, Hucitec, São Paulo.
- SANTOS, M. (1982 c) "O Espaço Geográfico como Categoria Filosófica", 5º Encontro Nacional dos Geógrafos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Porto Alegre, livro 2, vol. II.
- SILVA, A.C. da (1976) "Geografia e Ideologia", Boletim Paulista de Geografia, nº 52, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Regional de São Paulo, São Paulo.
- SILVA, A.C. da (1982 a) "Teoria e Método da Pesquisa", Borrador, nº 1, Teoria e Método da Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo.
- SILVA, A.C. da (1980) "A Subtotalidade Geográfica e Sua Especificidade", 4º Encontro Nacional dos Geógrafos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro.

- SILVA, A.C. da (1982 b) "O Espaço como Ser: uma Auto-Avaliação Crítica", *Geografia: Teoria e Crítica. O Saber Posto em Questão*, Editora Vozes, Petrópolis.
- SILVA, A.C. da (1982 c) "Contribuição à Crítica da Crise da Geografia", *Novos Rumos da Geografia Brasileira*, Hucitec, São Paulo.
- SILVA, A.C. da (1982 d) "Natureza do Trabalho de Campo em Geografia Humana e Suas Limitações", *Revista do Departamento de Geografia*, nº 1, FFLCH da USP, São Paulo.
- SILVA, A.C. da (1982 e) "Space as a Category of Analysis", *Conferência Regional Latino-americana da UGI, UGI*, Rio de Janeiro.
- SILVA, A.C. da (1983) "As Categorias como Fundamentos do Conhecimento Geográfico", *Seminário FILOSOFIA E GEOGRAFIA, AGB-Rio*, Rio de Janeiro.
- SOUZA, M.A.A. de (1982) "Teoria e Metodologia em Geografia Urbana", *Borrador*, nº 1, *Teoria e Método da Geografia*, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo.
- UPEGE (1980) *Território Livre*, nº 2, UPEGE, São Paulo.
- VIANA, M.T.R. (1980) "Algumas Reflexões sobre a Luta pela Terra na Cidade", *Boletim Paulista de Geografia*, nº 57, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Regional de São Paulo, São Paulo.

RESUMO

O presente trabalho — "A Renovação Geográfica no Brasil — 1976/1983" — contém duas partes, intituladas, "Esboço de uma História" e "Problemas e Perspectivas".

Na primeira, o autor descreve a história das Geografias Crítica e Radical em uma perspectiva teórica, historiando-as ano a ano, desde seus antecedentes, em 1976. 1978 é considerado um ano histórico, com o Encontro da Associação dos Geógrafos Brasileiros em Fortaleza — Ceará e a publicação de "Por uma Geografia Nova", de Milton Santos. 1979 é um ano de produção teórica, teorização e debate ideológico, com o surgimento de algumas formulações novas. 1980 é o ano de consciência da crise da Geografia, com vários acontecimentos e publicações. Em 1981 aparece um balanço crítico que aponta para o futuro. 1982 é o ano de difusão das novas idéias, com várias publicações e acontecimentos. 1983 é um ano de discussão de Filosofia e Geografia.

Na segunda parte, o autor faz uma pesquisa das categorias utilizadas nos 71 textos (artigos e livros) pesquisados, indicando os problemas atuais das geografias Crítica e Radical. Seguem-se algumas considerações sobre a ques-

tão do sujeito, que o autor acha possível solucionar através do encaminhamento da questão política, que deve abrir para o reconhecimento do discurso do geógrafo, assim como de seu trabalho, que deve ultrapassar os limites estreitos da Geografia.

ABSTRACT

This paper — "Geographical Renovation in Brazil — 1976/1983" — has two chapters, named "An Historical Outline" and "Problems and Perspectives".

The first one takes a look at the history of Critical and Radical geographies in a theoretical approach, year by year, since its antecedents in 1976. 1978 is considered a historical year, when the Association of Brazilian Geographers realizes a congress at Fortaleza, Ceará, and also with the publication of "Por uma Geografia Nova", by Milton Santos. 1979 is a year of theoretical production, abstract speculation and ideologic discussion, when appear some new formulations. In 1980 several publications and events put in evidence the crisis of Geography. In 1981 takes place a critic balance that points to the future. 1982 is a year of diffusion the new ideas with several publications and events. In 1983 takes place a discussion about Philosophy and Geography.

At the second part, the author makes a research about the categories that are used in the 71 references found (including papers and books) that point to Critical and Radical geographic problems of nowadays. So, considerations are made about the question of philosophical subject; the author thinks that is possible to clarify this subject through the political question. It must emphasize the important question of geographical thought and the geographical work too. Both of them must surpass the little circle of geographic preoccupation.

RÉSUMÉ

Ce travail — "Le Renouveau de la Géographie au Brésil — 1976/1983" — a deux parties intitulées: "Esquisse d'une Histoire" et "Problèmes et Perspectives".

Dans la première partie, l'auteur fait une bref histoire des géographies Critique et Radicale dans une perspective théorique, année par année, à partir de ses antécédents, en 1976. 1978 est considéré comme une année historique, avec la Réunion de la Association des Géographes Brésiliens en Fortaleza, Ceará, et avec la publication de "Por uma Geografia Nova", de Milton Santos. 1979 est une année de production théorique, de spéculation abstraite et de dis-

cussion idéologique, avec l'avènement de quelques formulations nouvelles. 1980 est une année de prise de conscience de la crise de la Géographie, avec plusieurs événements et publications. Dans 1981 il apparaît un examen critique de ce sujet, qui indique le futur. 1982 est l'année de la diffusion des nouvelles idées, avec plusieurs publications et des événements culturels. 1983 est une année de discussion à propos de Philosophie et Géographie.

Dans la deuxième partie, l'auteur fait une recherche sur les catégories philosophiques utilisées dans les 71 textes (articles et livres), quantifiées, en indiquant les problèmes actuels des géographies Critique et Radicale. Ensuite, il fait des considérations sur la question du sujet philosophique. L'auteur croit que la solution passe par la question politique. Celle-ci doit tenir compte du discours et du travail du géographe, qui doivent dépasser les limites étroites de la Géographie.